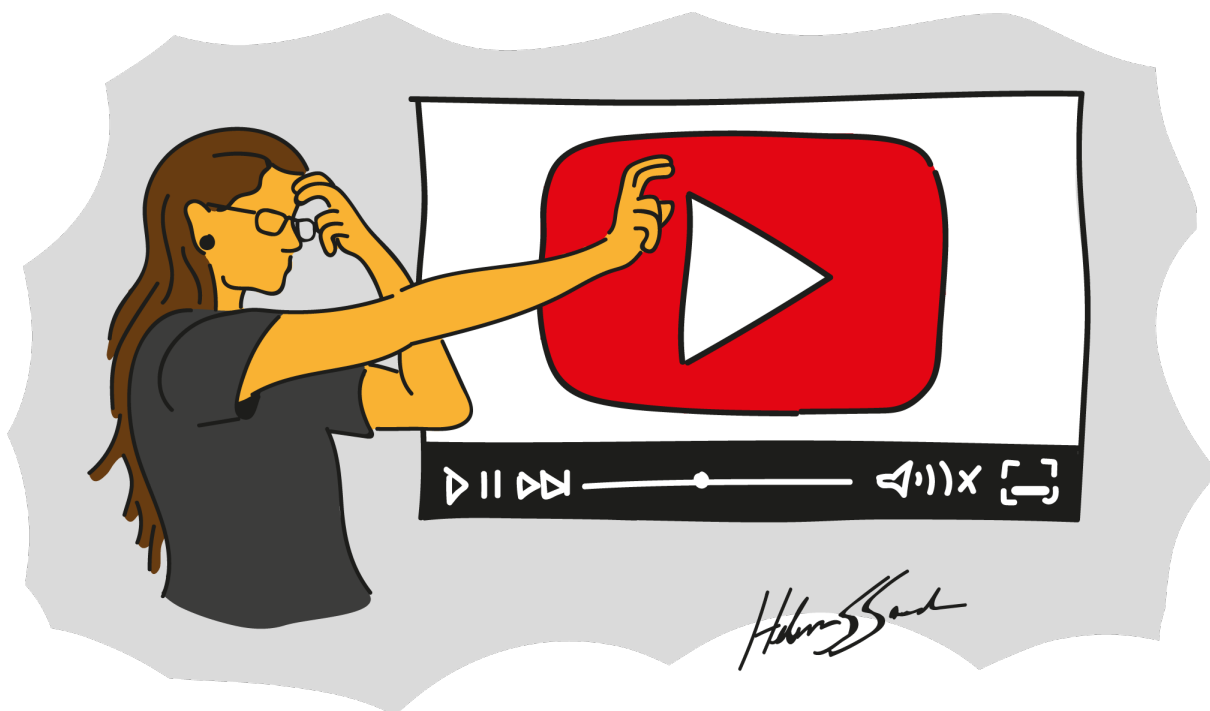


**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**HELENNE SCHROEDER SANDERSOM**

***YOUTUBERS* BILÍNGUES:  
ARTEFATOS INTERCULTURAIS NO CENÁRIO  
ESCOLAR DA EDUCAÇÃO DE SURDOS**



Santa Maria, RS

2020

**HELENNE SCHROEDER SANDERSOM**

***YOUTUBERS* BILÍNGUES:  
ARTEFATOS INTERCULTURAIS NO CENÁRIO  
ESCOLAR DA EDUCAÇÃO DE SURDOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de **mestre em Educação**.

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Lise Lunardi-Lazzarin

Santa Maria, RS

2020

Sanderson, Helenne  
YOUTUBERS BILÍNGUES: ARTEFATOS INTERCULTURAIIS NO  
CENÁRIO ESCOLAR DA EDUCAÇÃO DE SURDOS / Helenne  
Sanderson.- 2020.  
85 p.; 30 cm

Orientadora: Márcia Lise Lunardi-Lazzarin  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Maria, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em  
Educação, RS, 2020

1. Youtubers Bilíngues 2. Libras 3. Escola Helen  
Keller 4. Políticas Linguísticas 5. Políticas Educacionais  
I. Lunardi-Lazzarin, Márcia Lise II. Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

Declaro, HELENNE SANDERSON, para os devidos fins e sob as penas da lei, que a pesquisa constante neste trabalho de conclusão de curso (Dissertação) foi por mim elaborada e que as informações necessárias objeto de consulta em literatura e outras fontes estão devidamente referenciadas. Declaro, ainda, que este trabalho ou parte dele não foi apresentado anteriormente para obtenção de qualquer outro grau acadêmico, estando ciente de que a inveracidade da presente declaração poderá resultar na anulação da titulação pela Universidade, entre outras consequências legais.

**YOUTUBERS BILÍNGUES:  
ARTEFATOS INTERCULTURAIS NO CENÁRIO  
ESCOLAR DA EDUCAÇÃO DE SURDOS.**

**Por**

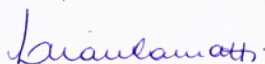
**Helenne Schroeder Sanderson**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestra em Educação.**



---

**Márcia Lise Lunardi-Lazzarin, Dra. (UFSM) – Videoconferência**  
(Presidente/ Orientadora)



---

**Liane Camatti, Dra. (UFSM) - Videoconferência**



---

**Emiliana Faria Rosa, Dra. (UFRGS) - Videoconferência**

Santa Maria, 26 de novembro de 2020.



À Comunidade Surda, na qual eu me encontrei e renasci.

## AGRADECIMENTOS

Para começar, eu quero e preciso agradecer às energias que me acompanharam durante todo o tempo de estudos. Energia da força, da coragem e de Deus. A coragem é a energia que mais admiro em mim: tenho coragem para tudo e, disso, me orgulho.

Agradeço muito à existência da Carilissa, minha parceira eterna, que me empurra para todos os lugares para me fazer crescer na condição de estudante e profissional. Nunca me imaginei como professora e pesquisadora: eu tinha recém me graduado em Design Gráfico e fui surpreendida por Carilissa, que me inscreveu no vestibular de Letras/Libras, no qual fui aprovada. A seleção de mestrado se deu da mesma maneira: Carilissa, como sempre, confiou em mim e me mostrou que sou capaz. Ela nunca me deixou na mão e sempre me segurou como uma tocha de luz que nunca se apaga. Gratidão, minha esposa!

Agradeço a minha pequena ruiva, Sofia, meu mini suporte. A ruiva eclética me passa uma alegria imensa e mostra o valor do amor diariamente; com ela, compreendi o significado de família. Gratidão, minha filha amada!

Agradeço a minha gata, Lili, um mini apoio que me passou muitas energias positivas e carinhos. Sentava no meu colo enquanto digitava a dissertação, com seus olhares egípcios, me protegendo.

Agradeço aos meus pais, Celso e Rose, pela vida e pelo auxílio financeiro. Obrigada por me aceitarem e me darem asas com as quais pude voar para longe da família. Apesar das circunstâncias, tenho amor por vocês. Gratidão, meus pais!

Agradeço a minha família Dall'Alba, que me acolheu com muito amor e união. Gratidão, família Dall'Alba.

Não posso deixar de agradecer a Libras, a língua que me deixou viva. A pessoa que sou hoje relação direta com essa língua colorida, que abriu o meu mundo. Desenvolvi muitas coisas por causa da Libras desde meus 15 anos, quando entrei na Comunidade Surda e me encontrei. Imagino que, se eu não conhecesse a Libras, eu não estaria aqui, escrevendo uma dissertação de mestrado. Gratidão, Libras, a minha salvação! É semente que me deixou viva!

Profundo agradecimento à orientadora e professora Márcia Lise Lunardi-Lazzari, que acreditou em mim e no meu trabalho. Obrigada por toda paciência! Eu tenho a Língua Portuguesa como segunda língua e precisei de muito apoio para concluir a dissertação. Juntas, nós defendemos a Comunidade Surda. Gratidão, Márcia!

Nos primeiros momentos de estudos de mestrado, tive muito apoio do meu amigo Rubens Baretta, através da acolhida calorosa na sua residência, em Santa Maria. Obrigada, Rubens, por me apoiar, cuidar e me presentear com sua amizade valiosa. Gratidão, Rubens!

Também tive apoio e acolhida da amiga Caroline Fagundes, logo no começo do mestrado. Obrigada pela receptividade e amizade. Gratidão, Caroline!

Aos meus amigos de sempre, Harrison, Bianca e Emiliana, pela amizade linda. Gratidão, meus amigos!

À Silvana Vencato Pinto, diretora do ensino médio da Escola Helen Keller, pelo apoio e confiança nos projetos e pelas entrevistas para compor a dissertação. Gratidão, Silvana!

Às intérpretes parceiras, Carine e Maitê: primeiro, quero pedir desculpas por eu deixar vocês desesperadas pelos meus trabalhos feitos em cima da hora. Com vocês, as aulas eram mais alegres. Hoje, nos cursos de intérprete, compreendi o que é essa profissão. Obrigada, especialmente, à Maitê, que sentou comigo para leituras e digitou a dissertação, me dando uma segurança na Língua Portuguesa. Gratidão, intérpretes e amigas!

Às minhas colegas queridas, por me acompanhar nos estudos, nas aulas e no chimarrão. Raissa, Paula, Anie, Camila, Aline, Cleidi e Carol. Gratidão, colegas!

À banca da defesa, professoras Emiliana, Liane e Leandra, pelas orientações e dicas para melhorar a minha dissertação de mestrado depois da qualificação. Elas foram bem valiosas. Gratidão, professoras!

À Escola Helen Keller, pelo apoio de sempre. Quando pisei pela primeira vez na instituição, fiquei frustrada por não ter tido a oportunidade de estudar nessa escola antes. Eu sofri muito nas escolas de ouvintes na Bahia e em Brasília. Além da frustração, fiquei muito admirada com a escola e resolvi fazer o documentário *Inclusão, Educação Ideal?*, que tem mais de 21 mil visualizações. Esse material ajuda as pessoas a compreenderem qual educação os surdos almejam. Gratidão, Escola Helen Keller!

À Assessoria Texto Certo, pela revisão final da dissertação! Um trabalho de qualidade e de confiança.

À Universidade Federal de Santa Maria, pelo ensino de qualidade e por toda a acessibilidade. Gratidão, UFSM!

## RESUMO

A pesquisa intitulada “*Youtubers* Bilíngues: artefatos interculturais no cenário escolar da escolar da Educação de Surdos” foi desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação, na linha de pesquisa Educação Especial, Inclusão e Diferença. Minha intenção nesse estudo foi olhar para as vivências contemporâneas, híbridas e interculturais da vida que, hoje, organizam tanto os movimentos quanto as escolas de surdos. Nesse sentido, o problema que conduziu essa pesquisa foi compreender de que maneira os materiais produzidos por *youtubers* bilíngues vêm construindo outras formas de circulação e consumo cultural na escola de surdos. Para responder a esse problema, dois objetivos específicos foram pensados: (i) identificar que tipos de conteúdos culturais em Libras são produzidos nos canais dos *youtubers*; e (ii) entender como os alunos e professores surdos e os ouvintes têm consumido as produções dos *youtubers* na escola. Esse estudo se inscreve na perspectiva teórico-metodológica dos Estudos Culturais em Educação e dos Estudos Surdos. Assim, o trabalho reconhece esses campos como possibilidades de análise, uma vez que eles se ocupam de olhar para as questões da cultura e do mundo surdo de modo mais plural e menos generalizado. Para fins de organização metodológica desse estudo, foram constituídos dois conjuntos de materialidades: (a) canais de cinco *youtubers* bilíngues brasileiros e seus conteúdos; e (b) narrativas de professores, ouvintes e alunos surdos de uma escola de surdos do Rio Grande do Sul. Os materiais produzidos por essas narrativas foram essenciais para entender como os alunos surdos e professores (surdos e ouvintes) consomem as produções dos *youtubers* bilíngues nas suas aulas, assim como para identificar os efeitos dos conteúdos elaborados por esses canais no cotidiano escolar. Ao problematizar os modos de vida contemporânea das pessoas surdas, por meio da análise dos canais do YouTube, encontro possibilidades de pensar a escola de surdos como um dos *lócus* para transformação, negociação e produção de outras formas de existência surda, a partir das relações interculturais.

**Palavras-chave:** *Youtubers* Bilíngues. Escola de Surdos. Interculturalidade. Culturas Surdas. Educação Bilíngue.

## ABSTRACT

The study entitled “Bilingual Youtubers: intercultural artifacts in the school scenario of deaf education” was developed along with the Graduate Program in Education, in the area of Special education, Inclusion and Difference. My intention in this paper was to look at intercultural, hybrid and contemporary experiences of life that, today, organize both deaf schools and movements. Thus, the problem that guided this study was to understand how content produced by bilingual youtubers has been constructing other ways to spread and consume culture in deaf school. To solve this problem, two specific objectives were proposed: (i) to identify what kinds of cultural contents in Libras are produced in the youtubers’ channels; and (ii) to understand how hearing and deaf teachers and students have been consuming youtubers’ productions at school. This study follows the theoretical-methodological perspective of cultural studies in education and deaf studies. Therefore, the paper acknowledges these fields as possibilities of analysis, as they make an effort to look at matters of the deaf universe and culture in a more plural and less generalized way. Regarding this study’s methodological organization, we assembled two sets of data: (a) five Brazilian bilingual youtubers’ channels and their contents; and (b) teachers’, hearers’ and deaf students’ narratives from a deaf school in Rio Grande do Sul. The material from these narratives were essential to understand how deaf students and teachers (hearing and deaf) consume bilingual youtubers’ content in their classes, as well as to identify the effects of the contents prepared by these channels in the school’s everyday life. By problematizing the contemporary way of life of deaf people, through an analysis of YouTube channels, I find possibilities to conceptualize the deaf school as one of the loci for transformation, negotiation and production of other forms of deaf existence, based on intercultural relations.

**Keywords:** Bilingual youtubers. Deaf school. Interculturality. Deaf cultures. Bilingual education.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Acessibilidade aos ouvintes nos eventos organizados pelos surdos.....	21
Figura 2 – Sinal de <i>deafhood</i> .....	22
Figura 3 – Reunião no Palácio de Governo do Estado do Rio Grande do Sul para entrega do documento “Educação que nós surdos queremos” .....	27
Figura 4 – Surdos embaixo da cama .....	32
Figura 5 – Autora Helenne com <i>youtubers</i> bilíngues no Festival de Cinema de Gramado.....	41
Figura 6 – Momento da Roda de Conversa no evento dos 15 anos da campanha “Legenda Nacional”, em Gramado, com o Festival de Cinema de Gramado .....	42
Figura 7 – Canal Visurdo, dos irmãos surdos Andrei e Taína Borges, de Caxias do Sul/RS...	45
Figura 8 – Canal Visurdo, vídeo em que Tainá aborda a depressão que está tendo e quer ajudar .....	46
Figura 9 – Canal Apenas Amor, de Melissa – São Paulo/SP.....	47
Figura 12 – Canal Beto Castejon – Goiânia/GO.....	51
Figura 13 – Interculturas surdas.....	57
Figura 14 – Escola, comunidade surda e <i>youtuber</i> .....	61
Figura 15 – Fotos do vídeo do Canal Iflocos, do surdo Gabriel Isacc.....	68
Figura 16 – Roberto Castejon informando sobre a COVID-19 para surdos no seu canal .....	69
Figura 17 – Irmãos Surdos dando dicas aos ouvintes para aprenderem Libras .....	71
Figura 18 – Roberto Castejon com Gabriel Isacc, em 10 Leis Bizarras do mundo.....	72
Figura 19 – Léo Viturino, no seu canal sobre os sinais da área de LGBT.....	72

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Três momentos de Educação de Surdos.....	33
Quadro 2 – Respostas das entrevistas com alunos e professores.....	38
Quadro 3 – <i>Youtubers</i> escolhidos para a materialidade da pesquisa .....	43

## SUMÁRIO

<b>1 DAS IDENTIDADES DE UMA PESQUISADORA SURDA ÀS POSSIBILIDADES DE RESISTÊNCIAS: TRAJETÓRIAS FORMATIVAS</b> .....	14
<b>2 EDUCAÇÃO BILÍNGUE NO CENÁRIO DA EDUCAÇÃO DE SURDOS</b> .....	26
2.1 O CENÁRIO DA LUTA POLÍTICA PELA DEFESA POR UMA EDUCAÇÃO BILÍNGUE.....	26
2.2 CENÁRIO DA ESCOLA DE SURDOS: AS POSSIBILIDADES DE UMA EDUCAÇÃO BILÍNGUE.....	31
<b>3 TRAJETÓRIA INVESTIGATIVA: OS CAMINHOS, AS ESCOLHAS E AS POSSIBILIDADES DA PESQUISA</b> .....	36
3.1 NARRATIVAS DE ALUNOS E PROFESSORES DA ESCOLA DE SURDOS .....	37
3.2 CANAIS DE <i>YOUTUBERS</i> BILÍNGUES E SUAS NARRATIVAS .....	41
3.2.1 Canal Visurdo .....	44
3.2.2 Canal Apenas Amor.....	46
3.2.3 Canal É Libras .....	47
3.2.4 Canal Léo Viturinno.....	48
3.2.5 Canal Beto Castejon .....	50
3.3 A MATERIALIDADE DA PESQUISA E SEUS DESDOBRAMENTOS .....	51
3.3.1 Alunos Surdos .....	52
3.3.2 Professoras Surdas e Ouvinte .....	52
3.3.3 <i>Youtubers</i> Bilíngues.....	53
3.4 ENCAMINHAMENTOS ÉTICOS DA PESQUISA.....	54
<b>4 A CENTRALIDADE DA CULTURA NO CONTEXTO INVESTIGATIVO DA EDUCAÇÃO DE SURDOS: NEGOCIAÇÃO, HIBRIDISMO E INTERCULTURALIDADE</b> .....	55
<b>5 ESCOLA, COMUNIDADE SURDA, <i>YOUTUBERS</i> E SEUS CONTEÚDOS</b> .....	61
5.1 MATERIAIS DOS <i>YOUTUBERS</i> : EMPODERAMENTO DE PRÁTICAS CULTURAIS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO DE SURDOS .....	64
5.2 CONTEÚDOS DOS CANAIS DOS <i>YOUTUBERS</i> COMO ARTEFATOS PEDAGÓGICOS NO CONTEXTO DA ESCOLA DE SURDOS .....	69
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	74
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	77



<b>ANEXO A – CARTA DE APRESENTAÇÃO DE PESQUISA E SOLICITAÇÃO DE COLABORAÇÃO .....</b>	<b>81</b>
<b>ANEXO B – AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL .....</b>	<b>83</b>
<b>ANEXO C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....</b>	<b>84</b>

## 1 DAS IDENTIDADES DE UMA PESQUISADORA SURDA ÀS POSSIBILIDADES DE RESISTÊNCIAS: TRAJETÓRIAS FORMATIVAS

“A vida é uma aventura ousada ou nada.”  
(Helen Keller)

Com a dissertação eu estou no lugar de fala, compreendo perfeitamente a importância desse lugar e do meu par surdo. O cenário da presente pesquisa é a escola de surdos, o cenário da educação dos surdos, sujeitos iguais a mim. O conceito do lugar de fala se refere o protagonismo de um grupo minoritário, ou seja, eu sou surda e faço parte da minoria linguística. O meu lugar de fala é Libras, escolas de surdos, pessoas surdas, comunidade surda, entre outros que se relaciona com a pessoa surda. Tenho consciência do que quero tratar quando me refiro aos temas mencionados cima. Eu expesso o lugar de fala porque tenho experiências surdas.

Antes de apresentar a pesquisa, é preciso avisar que esse trabalho tem um envolvimento profundo entre a minha vida e meu momento como acadêmica. Eu lhe convido a mergulhar comigo neste trabalho, pois é difícil separar a minha vida pessoal da pesquisa. As experiências são as minhas vivências enquanto pesquisadora, vivo no mundo surdo. Viver esse mundo surdo e tudo o que há nele implica fazer um exercício político e de resistência a práticas excludentes na qual se inscreve a educação de surdos. Coloco-me nesse movimento investigativo como uma consumidora e produtora de práticas interculturais bilíngues, no caso específico desse estudo, de canais de YouTube dos *youtuber* bilíngues, bilíngues porque são canais que trabalham com duas línguas, Libras e Língua Portuguesa.

Nesse sentido, o foco deste trabalho de dissertação é compreender o que os *youtubers* publicam para a comunidade surda e o que os espectadores conseguem aprender, ou seja, compreender dos conteúdos dos vídeos. E, nessa direção olhar para os efeitos desses conteúdos, quando apresentados a alunos surdos, no contexto da escola de *surdos*. No contexto desse estudo entendo o *youtuber* como um formador de opinião que envolvem sujeitos em uma diversidade de temas.

O YouTube viabilizou com que o internauta se tornasse canal de comunicação, postando vídeos, permitindo a ele ser formador de opinião e agregando sujeitos em torno de discussões de temas diversificados. Esses produtores são chamados de *youtubers* e concentram milhões de internautas em seus canais, por meio de assinaturas. O *youtuber* posta vídeos de acordo com a frequência que lhe convém, e seu conteúdo pode ser assistido por qualquer internauta que encontre seus vídeos através de pesquisa, hiperlink ou pela assinatura de seu canal. (MOTTA; BITTENCOURT; VIANA, 2014, p. 4)

Para começar essa escrita de apresentação senti a necessidade de discorrer sobre as experiências, os atravessamentos, encontros e (des)encontros que conversam com meu tema de pesquisa, uma vez que foram eles os pontos significativos para que eu chegasse na problematização deste estudo.

Sou baiana de Barreiras, uma pequena cidade da Bahia, que fica no Oeste do Estado. Fiquei surda aos dois anos de idade devido a uma meningite. Venho de uma família de pessoas ouvintes que não queriam que eu aprendesse língua de sinais por acreditarem que o uso dessa língua influenciaria negativamente/prejudicaria a minha capacidade de oralização e, portanto, de socialização no mundo ouvinte. Não tive oportunidade de estudar nas escolas para surdos durante a Educação Básica e até meus quinze anos não tive contato nenhum com a Língua Brasileira de Sinais – Libras. Na escola regular as informações eram transmitidas apenas por meio da língua portuguesa oral e escrita, um conhecimento bem rudimentar que se dava apenas por meio da cópia de textos; para passar o tempo na sala de aula, eu desenhava.

Nesse contexto escolar já percebia certo desconforto, ele não se apresentava para mim como algo significativo. Ou seja, no espaço da escola regular, não consegui encontrar um conforto linguístico que pudesse me relacionar ou estabelecer processos de ensino e aprendizagem.

Em 2002, aos quinze anos de idade, fui morar em Brasília e estudar no Ensino Médio. Estudei em uma escola regular, e fui orientada a frequentar a escola de surdos Centro Educacional de Audição e Linguagem Luduvico Pavoni (CEAL/LP) – para ter aulas de reforço com surdos e profissionais qualificados em Libras. Hoje eu percebo que tive muita sorte em conhecer a escola de surdos de Brasília, posso dizer que ali encontrei o conforto linguístico que procurava. Ao conhecer a Libras e tudo que vem associado a ela – comunidade surda, cultura surda e as diferenças culturais e linguísticas, outra inscrição de identidade me constitui: a identificação **surda**. Assim me identifico com a fala das autoras Padden e Humpries (1996, p. 61) quando dizem que “em contraste, tornou-se surdo quando criança e não encontrou outras pessoas surdas até entrar numa escola para estudantes surdos”. Ao conhecer os surdos da escola de reforço, eu me **encontrei**. Narro com letras maiúsculas porque foi ali que entendi quem eu sou, me compreendi sujeito pertencente a uma comunidade, talvez poderia dizer que encontrei ali, naquela escola, um lugar de conforto linguístico e cultural.

No último ano do Ensino Médio, em 2006, estudei em uma escola em que havia turmas de surdos com intérprete de Libras onde pude deparar com experiências que trouxeram diferentes significados. Minha família não queria que eu estudasse lá por ser uma escola pública

e ter colegas surdos na sala de aula. Mesmo assim aqui cresce a certeza de que é extremamente importante ter Libras na vida dos alunos surdos.

Nessa escola eu praticamente convivía só nos grupos de surdos ou de ouvintes que sabiam Libras. Foi a primeira vez que fui aprovada sem recuperação e sem necessidade de reforço pedagógico, afinal a Libras era a língua de instrução, e, portanto, de aprendizagem. Desde 2002, eu conheço a cultura surda e entendo que ser surdo é uma experiência visual pela convivência entre surdos, pois o surdo é o sujeito que possui uma comunicação espaço-visual como principal meio de comunicação e de compreensão do mundo por meio das experiências visuais. Articulo uma citação de uma autora surda sobre a cultura surda:

A Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de se torná-lo acessível e habitável ajustando-os com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades Surdas e das “almas” das Comunidades Surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos de povo surdo. (STROBEL, 2008, p. 24)

O discurso cultural sobre pessoas surdas produziu um sentimento de empoderamento e ao sentir-me empoderada, a partir do discurso da cultura surda, passei a compreender a importância da visualidade e da língua de sinais na vida das pessoas surdas.

Voltando sobre a minha vida; foi nesse contexto que me senti desafiada, porém segura, para fazer meu primeiro curso superior. Optei pelo curso de Design Gráfico, com intérprete de Libras nas salas de aulas, por gostar de artefatos visuais. Durante o curso desenvolvi vários trabalhos com muita visualidade usando as experiências visuais como pessoa surda. Fui monitora do projeto “Foto Surdo”, de Brasília, que surgiu a partir da percepção do anseio da comunidade surda em expressar-se por meio da linguagem visual. Esse projeto me fez participar mais da comunidade surda e dos eventos relacionados à educação de surdos, como encontros, oficinas e projetos.

Em 2013, na Universidade de Brasília (UnB) participei de três projetos de elaboração de artefatos culturais. O primeiro projeto foi “Círculo da Cultura Surda”, que pesquisou e consultou a vida dos sujeitos surdos e dos autores surdos que transformam suas histórias em desenho animado. Nesse projeto produzi um filme de animação diferente, “Preto e Branco”, que é um filme visual com áudio pelo instrumento musical africano chamado *Kalimba*<sup>1</sup>, pois as ondas sonoras são vibrações que os surdos sentem em algumas partes do corpo, também para ouvintes ouvir, inclusive. Além dessa animação editei mais de oito filmes sobre o cotidiano dos

---

<sup>1</sup> Instrumento musical da África Central.

surdos, em Libras e com legendas em português para mostrar os conhecimentos da cultura surda ao público.

O segundo projeto foi “Multilinguíssimo: Inclusão Cultural em Narrativas Audiovisuais” (MICNA), cujo objetivo era criar documentário com várias línguas ao mesmo tempo. Também atuei como editora do curta metragem “Universidade para Todos?”<sup>2</sup>, que foi lançado em 2013 e está no YouTube<sup>3</sup>. Assim aprendi sobre várias línguas e associada a elas, modos diferentes de viver esse caldeirão cultural: então é possível pensar que as relações interculturais vêm promovendo outras formas de estar no mundo, ou melhor, essas inter-relações, essas outras combinações culturais, estariam conduzindo outros modos de ser surdo nesse cenário contemporâneo? Nesse cenário indago: existe uma única forma de experienciar a cultura surda? Ouso a dizer que não, talvez esteja aqui um dos disparadores dessa pesquisa.

Os movimentos culturais se movem, se deslocam, se ampliam e se reconectam nesse cenário contemporâneo e isso ocorre não apenas nos movimentos surdos, mas também nos diferentes contextos como da cultura indígena, da cultura gaúcha, dos movimentos negros, dos movimentos LGBTQI+ e tantos outros que compõem essa paisagem contemporânea.

A cultura surda também se encontra enredada nesse cenário, ela se modifica e se atualiza como outras culturas, não há uma cultura enraizada para sempre, dando uma sensação de fixidez e engessamento cultural. Para Bauman (2010, p. 203), há uma liquidação de culturas que se misturam no ar livre, como um ligar-se intercultural, um movimento que mescla entre culturas:

Cultura diz respeito a modificar coisas, tornando-as diferenças do que são e do que, de outra maneira, poderiam ser, e mantê-las dessa forma inventada artificial. A Cultura tem a ver com introdução e a manutenção de determinada da ordem e com o combate a tudo que dela se afaste, como indicativo de descida ao caos. Tem a ver, então, com a substituição ou complementação da “ordem natural” (o estado das coisas sem inferência humana) por outra, artificial, projetada. E a cultura não só promove, mas também avalia e ordena.

O terceiro projeto do qual participei neste campo acadêmico, foi na condição de bolsista de Iniciação Científica, intitulado “Acessibilidade cultural para Surdos” no museu de Memorial dos Povos Indígenas de Brasília. Como resultado criei um artigo visual, filmado em Libras, intitulado “Acessibilidade cultural: reflexões de uma pesquisadora surda sobre a visita a uma exposição”. O artigo também foi traduzido para língua portuguesa. Nesse projeto ao visitar os pontos turísticos e educacionais (escolas e universidades), e discutia o que faltava em relação à acessibilidade aos surdos.

---

<sup>2</sup> Disponível em: <https://youtu.be/nVaFT8XC3hI>. Acesso em: 5 fev. 2021.

<sup>3</sup> YouTube é o *site* de compartilhamento de vídeos enviados pelos usuários através da internet.

Nessa autonarrativa que tem como intenção contar das minhas diferentes experiências com o mundo surdo e com a pesquisa, anos depois, tive a oportunidade de conhecer a Escola Helen Keller, localizada na cidade de Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul, onde passei a ter “sede” de pesquisar sobre os artefatos culturais que colaboram com o processo educacional dos alunos surdos porque eu tenho uma atração pelas culturas diversas e acredito que trabalhar com culturas na educação é diferencial e positivo. Participo ativamente do processo educacional dos alunos da escola atuando como voluntária em diversas atividades.

Observa-se que os recursos tecnológicos estão muito presentes em nossas vidas. As redes sociais podem colaborar com questões que envolvem a educação bilíngue de surdos, pois a abundância de vídeos e imagens nesses espaços, agrega questões da visualidade presentes na cultura surda. Dentre as várias possibilidades discursivas e de produção de sujeito surdo, emergem como potentes enunciadores desse discurso cultural os influenciadores digitais, os famosos, ou conhecidos como *youtubers*.

Hoje em dia temos diversos canais na plataforma de compartilhamento de vídeos de *YouTube*, canais dos surdos que criam vídeos que trazem aos surdos novas informações e aprendizados. Vale reforçar que a acessibilidade aos surdos é muito carente no Brasil. As redes sociais têm uma relação especial com os surdos devido da visualidade.

Mencionei anteriormente que fiz um documentário com alunos surdos intitulado *Inclusão, Educação ideal?* que está no YouTube ao público. O documentário teve objetivo de mostrar que educação que os alunos surdos querem e certamente auxiliou muitos profissionais a entender que é a Educação Bilíngue um do meio mais adequado para a educação dos alunos surdos.

Nesse movimento de entender a constituição do cenário da educação bilíngue para as pessoas surdas, considero importante mencionar dois projetos que são realizados na UFSM, dos quais participei. Um deles é o projeto “Mãos Livres”, sob a coordenação da professora Melânia Casarin, na Universidade Federal de Santa Maria. Esse projeto tem como objetivo a produção de artefatos bilíngues voltados à comunidade surda brasileira com estratégias de resgatar as ações de empoderamento da cultura surda, efetivar a inclusão do surdo ao promoverem acesso ao conhecimento e fortalecer o papel da Libras em diversos temas como: dança, desenhos, literatura, etc.

Na ocasião de minha participação no projeto tive oportunidade de entrevistar artistas surdos. Considero que este trabalho tem um marco bilíngue, pois todas as atividades do projeto têm Libras como a principal língua e a língua portuguesa na modalidade escrita. Recentemente foi publicado um livro infantil do projeto intitulado “Antônio, o viajante”, este livro possui

tradução em vídeo em Libras e texto na Língua Portuguesa. Atuando nesse projeto colaborando com as produções visuais, percebo nessas atividades uma importante estratégia de trabalhar com a educação de surdos na área de bilinguismo.

O outro projeto é o canal “Curta Libras”, coordenado pela Professora Anie Goularte Gomes, também da UFSM, Curta Libras é um projeto de extensão da Universidade Federal de Santa Maria, o mesmo projeto inciativa a promoção de ampliar a visibilidade maior sobre as pessoas surdas nas diversas funções entre as atividades e vivências. Os vídeos estão no YouTube com legendas, Libras e áudio. Neste projeto colaborei com algumas atividades de produção de vídeos em Libras para o YouTube. A Curta Libras tem a intenção de não corroborar com a noção de sujeito surdo monotemático, ou seja, que só fala de elementos culturais surdos. Esse projeto possibilita que os surdos tenham acesso às diversas culturas. Há entrevistas sobre dança, desenho, teatro e humor, entre outros.

Nessa direção e na tentativa de pensar a educação bilíngue e as relações culturais produzidas no contexto da escola de surdos, me encontro no projeto intitulado “Educação Escolar Bilíngue de Surdos: Análise de Práticas Interculturais”, sob coordenação da Profa. Marcia Lise Lunardi-Lazzarin, vinculado ao GIPES/UFSM. A partir da participação no grupo de pesquisa da referida professora e com os encontros teóricos metodológicos proporcionados, passo a refinar minha intenção de pesquisa que toma como centralidade, a escola de surdos, as relações interculturais e os modos de vida surda no cenário contemporâneo.

Com esse refinamento, continuo minha busca por trabalhos e projetos que circulam por essas questões e nesse sentido, me encontro também com o projeto “Sarau Arte de Sinalizar”, desenvolvido pelo Professor Cláudio Mourão (UFRGS). Objetivo desse projeto é registrar os vídeos dos surdos sinalizando cultural e artisticamente. Criou-se uma biblioteca digital e quem precisa de informações sobre produções culturais surdas pode obter informações no site do projeto. O projeto é rico em cultura surda com narrativas, poesias, teatros, piadas, que são de várias regiões do país, valorizando a interculturalidade como forma expor suas culturas.

O presente trabalho procura articular as questões que envolvem a escola, as culturas, as identidades surdas em torno da noção de interculturalidade, me permitiu compreender que uma educação intercultural exige a diversidade, uma abertura ao diálogo e a negociação onde se veem diferentes atravessamentos culturais e identitários. Portanto, segundo Menezes (2008, 229):

Educar na interculturalidade supõe a capacidade de incorporar na própria prática profissional novas linguagens e narrações. A Educação desse modo, deve buscar promover um diálogo intercultural, onde nem as culturas nem as identidades devem

ser compreendidas como imutáveis. Assim, nenhuma referência cultural é absoluta, devendo por isso ser revisada e/ou modificada. Todo diálogo deve assim, incorporar e não reunir o conflito. A educação seria o espaço e lugar da comunicação e negociação, do encontro e desencontro e finalmente da convivência.

A partir dessas diferentes inserções nos projetos de pesquisa mencionados, passo o olhar o cenário da educação de surdos articulado ao movimento surdo, ou seja, a partir das lutas das comunidades surdas pelo direito linguístico. Ao investir na educação de surdos, interessei-me em aprimorar e qualificar minha formação. Para assim dar continuidade a aventura de pesquisar, opto por fazer uma segunda graduação: Letras/Libras da Universidade Federal de Santa Catarina, no polo Santa Rosa/RS. A partir dessa formação pude estudar e aprofundar mais as questões linguísticas, culturais, psicológicas, históricas e filosóficas que envolvem a educação das pessoas surdas. Mais uma vez aqui me deparei com a ideia de uma inter-relação, talvez nesse contexto, interdisciplinar, que me movimenta a pensá-la nesse jogo de disputa e significados culturais.

O curso me constituiu como acadêmica surda e tive oportunidade de descobrir muitas coisas da área de Educação de Surdos. Antes eu não imaginava que seria professora, mas quando entrei nessa licenciatura me senti segura para fazer parte da docência. Fortaleceu-me como pessoa, como surda, me impulsionou, ainda mais, a fazer parte do movimento surdo e defender as escolas de surdos.

A comunidade surda é recheada de artefato visual, artefato linguístico da Língua Brasileira de Sinais, entre outros que se compõem a partir da visualidade e da língua de sinais. Certamente o curso de Letras/Libras abriu muitas portas aos surdos no mercado de trabalho, especificamente a docência, e fortaleceu o campo de conhecimento sobre a comunidade surda, a educação de surdos, o movimento surdo e a liderança surda. Para complementar o esclarecimento sobre esse curso e o porquê de me fortalecer enquanto aluna: todo estudo das aulas era por **vídeos**. Eu escrevi com letras maiúsculas porque os vídeos foram grandes aliados e fazem arte dos artefatos visuais. Para o surdo estudar com uma compreensão através da língua de sinais.

Dentre as experiências já mencionadas aqui, e que me constituem como pesquisadora surda do campo da educação de surdos, uma delas é bastante significativa: a campanha “Legenda para quem não ouve, mas se emociona”<sup>4</sup>, desenvolvida paralelamente ao Festival de Cinema de Gramado desde 2004. Essa campanha luta pelas legendas nos cinemas e formas

---

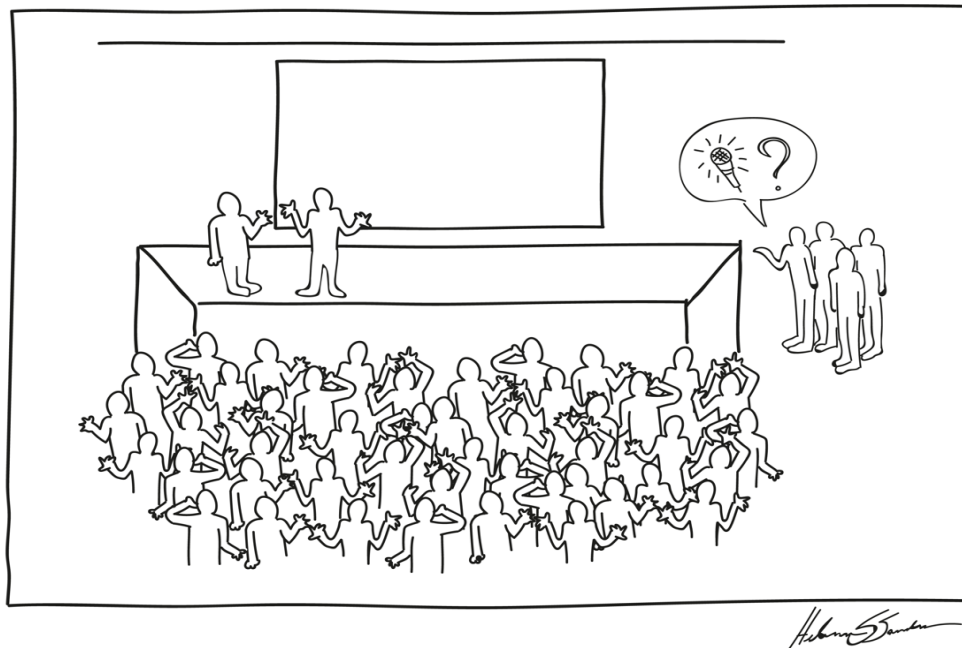
<sup>4</sup> “Legenda para quem não ouve, mas se emociona” é uma campanha da Legenda Nacional. Para maiores informações: <http://legnac.com.br/>. Acesso em: 5 fev. 2021.



demais conteúdos audiovisuais, pois as legendas nos filmes é uma questão linguística da comunidade surda e mostra que a língua portuguesa escrita assume um significado importante para a vida das pessoas surdas.

Em 2018, aconteceu algo no evento da campanha em Gramado que me fez pensar sobre as relações interculturais. No momento da abertura do evento, algumas pessoas ouvintes foram falar com coordenador da comissão perguntando se havia microfone e não tinha. Organizamos um evento pensando nos surdos e ouvintes fluentes em Libras priorizando a Língua de Sinais e esquecemos que pessoas não fluentes em Libras poderiam participar. É preciso pensar a acessibilidade para todos, é preciso derrubar o muro, a barreira não rompida em todos os ambientes, adaptando-os para toda e qualquer pessoa.

Figura 1 – Acessibilidade aos ouvintes nos eventos organizados pelos surdos



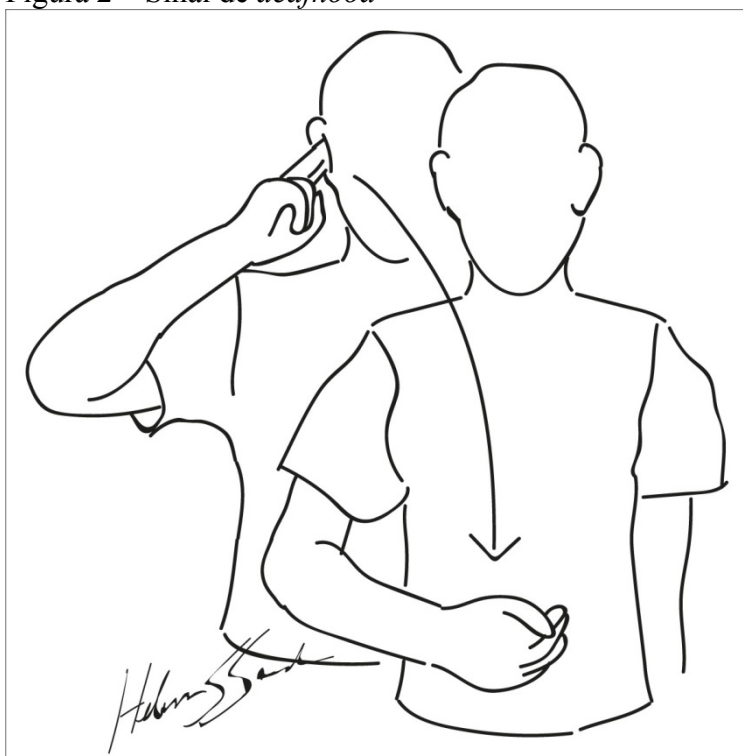
Fonte: Elaborada pela autora (2018).

Esses momentos em que a cultura surda é celebrada me fazem lembrar do autor Paddy Ladd (2013), surdo, ativista e pesquisador da cultura surda que esclarece que a comunidade é representante de surdez e não esclarece totalmente o que é cultura surda. É difícil definir um único conceito sobre a cultura surda porque depende de cada pessoa, de cada sujeito e da vivência de cada surdo. Tudo depende do jeito de viver e experienciar essas relações culturais, no entanto percebo que essa necessidade de fixação conceitual é muito complexa, mas que é possível falarmos da existência desse termo cultura surda, mas não de uma única forma. De acordo com Gomes (2011, p. 12), “a cultura surda é um tema recorrente em vários cenários

educacionais, políticos e sociais e ganha cada vez mais *status* de verdade e de realidade”. A noção de cultura significa o sujeito surdo por um viés linguístico, cultural e antropológico e se afasta da produção de uma identidade marcada na deficiência.

A fim de ajudar na compreensão do conceito *deafhood*, desenvolvido Paddy Ladd (2013), trago a forma gráfica do sinal construído para essa expressão que significa a forma do sujeito surdo entender o outro surdo com a empatia.

Figura 2 – Sinal de *deafhood*



Fonte: Elaborada pela autora (2018).

*Deafhood* também significa surdo-fome, assim sinalizado em língua de sinais, isso significa que o surdo sempre tem fome pela língua de sinais. O autor menciona que não é só procurar lugares onde há surdos, é preciso encontrar a língua de sinais na qual o surdo sente-se confortável para acessar as informações em qualquer lugar, isso é um conforto linguístico. Além de entender o seu par, o *deafhood* oferece a possibilidade de o sujeito surdo entender a própria identidade antes de tudo; se o surdo entende a própria identidade acaba sabendo a forma para ajudar ou entender o seu par. O conceito de *deafhood* foi encontrado no livro “Em busca da Surdidade I – Colonização dos Surdos”. O livro original é em inglês, “*Understanding Deaf Culture: In Search of Deafhood*”, mas recentemente foi traduzido em língua portuguesa.

Com termo foi desenvolvido em 1990 pelo presente autor, a fim de iniciar o processo de definição do estado existencial dos surdos como “ser-no-mundo”. Até agora, o termo médico “surdez” foi usado para englobar essa experiência dentro da categoria mais ampla de “deficiente auditivo”, a grande maioria dos quais eram pessoas idosas “com problemas de audição” de modo a tornar invisível a verdadeira natureza da existência coletiva surda. A surdidade não é vista como um estado finito, mas como um processo através do qual os indivíduos surdos chegam a efetivar sua identidade surda, postulando que aqueles indivíduos e principais ordenados de maneiras diferentes que são afetados por diversos fatores, como nação, era a classe. (LADD, 2013, p. XV-XVI)

Agregando a esse cenário, onde procuro mapear os indícios da minha escolha de pesquisa no campo da educação de surdos articulada com as questões culturais e linguísticas, trago mais uma experiência que tive durante alguns eventos no campo do esporte para surdos. Nesses contextos esportivos percebi uma comunicação sem barreiras e acessível entre os surdos de outros países e de outros estados do Brasil, resalto a presença da compreensão visual é um ponto forte. Atualmente, a comunidade surda conta a Confederação Brasileira de Desportos de Surdos (CBDS)<sup>5</sup> que promove jogos só para surdos. Desde 2017, trabalho em campeonatos, atuo como voluntária da confederação na área de designer gráfico e diretora de fotografia.

Como mencionado, o Rio Grande do Sul é o estado que mais tem escolas de surdos. Infelizmente outros estados não possuem e os alunos surdos são obrigados a estudarem nas escolas “inclusivas”. Maioria dos surdos no Brasil não tem oportunidade de estudar em escolas de surdos e acabam não aprendendo conteúdos importantes da educação básica. Devo confessar que eu perdi muitos conteúdos importantes pois nunca tive oportunidade de estudar nas escolas de surdos. Em 2018 na eleição, digo grande pois houve muito ódio e uma massa de manipulação nas redes sociais conhecida como *fake news*; eu não entendia nada porque não sabia das histórias realmente, não sabia que o Brasil já teve ditadura. Minha esposa, que é surda, que sempre estudou na escola de surdos me explicava tudo e me mostrou várias fontes confiáveis e livros, fiquei muito sentida pelos conteúdos que perdi na educação básica e com os vídeos de histórias reais do *youtuber* surdo Roberto Castejon, eu acabo aprendendo também.

Compreendo a escola de surdos como um potente espaço de produção cultural, nela diferentes artefatos são produzidos – visuais, artefatos culturais, artefato interculturais, linguísticos, para citar alguns – os quais se constituem como referência visual e identitária no processo educacional e no cotidiano das pessoas surdas que por ali circulam. Posso dizer que há uma vibração muito própria quando esses elementos se encontram nesse cenário vivo de produção cultural: narrativas, piadas, poesias, teatros, obras, leituras, artefatos e filmes são

---

<sup>5</sup> Confederação Brasileira de Desportos de Surdos (CBDS), fundada em 1984 com ajuda de associações de surdos do Brasil.

muito utilizados na escola, tudo isso circula culturalmente para e pelos alunos surdos, pois são artefatos culturais mediados pela língua de sinais. Existe uma negociação de produção dentro da escola onde circula o consumo da cultura visual para surdos. Antes de tudo, o surdo é instruído em sua primeira língua, Libras.

É neste cenário de produção de dados e de investimentos formativos e pessoais na educação de surdos que minha relação com a Escola Hellen Keller se intensifica, pois venho desde 2014 desenvolvendo projetos na referida escola. O primeiro projeto com alunos surdos foi produzir o documentário *Inclusão, Educação ideal?*<sup>6</sup> no qual fui diretora e editora. Esse documentário mostra o cenário a educação de surdos que vive um momento de luta por melhorias educacionais e linguísticas. O documentário foi lançado no Festival de Cinema de Gramado, em 2014. Comecei a perceber que o documentário foi importante para pensar acerca das diferenças culturais surdas, que se encontram, se entrecruzam, mas, ao mesmo tempo, mantém nas suas diferenças.

Em 2018, a Sociedade dos Surdos de Caxias do Sul (SSCS), teve uma balada no dia das bruxas. Participei da organização e me ocupei de atuar como DJ, oferecendo uma nova experiência aos surdos e ouvintes que estavam na festa. Pude observar a possibilidade de os surdos experimentarem música eletrônica e tentar entender os ritmos. Há controvérsias quando o tema é a música e as pessoas surdas, muitos os surdos afirmam que a música não faz parte da cultura surda. Ao meu ver faz parte porque é de cada sujeito e modo de ser. Muitos surdos se atraem pelos vídeos de *Just Dance* que é um tipo de apresentação em forma de animação de dança de individual ou em grupo. Os surdos imitam as danças através do *Just Dance* e seguem pela vibração da música. Por meio da visualidade da música, associada aos elementos culturais das pessoas surdas, muitos surdos se experimentam no ato de tocar músicas, cantar em Libras e usar letras das músicas em seus cotidianos de trabalho. Vejo que ainda há poucos surdos que se interessam por música, talvez isso esteja associado à ideia de que a música é do mundo dos ouvintes, pertence a sonoridade, e, como os surdos são visuais, ela não fará sentido no mundo surdo.

É interessante ver surdos que gostam da música, o interesse pode ser apenas pela visualidade e identificação com a mensagem que os cantores passam e não somente acústica. A música em Libras ou em língua portuguesa, envolve as questões linguísticas, poéticas, culturais e visuais. Existem DJ Surdos, um deles se chama de Nico DiMarco, seu irmão Nyle DiMarco é modelo e dançarino famoso por ser surdo participante tanto da comunidade surda quanto da

---

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.YouTube.com/watch?v=h36z11As4LE&t=77s>. Acesso em: 5 fev. 2021.

ouvinte. Atualmente no Brasil, no Rio Grande do Sul, o surdo Diego Silva é idealizador e produtor da BAE Produções, fazendo baladas em Porto Alegre. É uma balada com muitas luzes e fortes vibrações com DJs Surdos e Ouvintes atingindo tanto pessoas surdas quanto ouvintes.

A hibridações descritas ao longo deste livro nos levam a concluir que hoje todas as culturas são de fronteira. Todas as artes se desenvolvem em relação com outras artes: o artesanato migra do campo para a cidade; os filmes, os vídeos as canções que narram acontecimentos de um povo são intercambiados com outros. Assim as culturas perdem a relação exclusiva com seu território, mas ganham em comunicação e conhecimento. (CANCLINI, 1998, p. 348)

Retiro um fragmento do excerto acima de Canclini (1998, p. 348) “assim as culturas perdem a relação exclusiva com seu território, mas ganham em comunicação e conhecimento”. Ou seja, problematizar o território da cultura surda como algo exclusivo dos surdos e trazer elementos interculturais para pensar outras formas de vida contemporânea surda, mobilizou minhas escolhas para esse estudo de mestrado. Ao eleger esse conjunto de experiências para dizer da minha trajetória enquanto pesquisadora surda, tive a intenção de mostrar o meu percurso formativo que se dá de forma desterritorializada, híbrida e pulsante.

Portanto para desenvolver essa pesquisa, que teve como foco compreender de que forma os materiais produzidos por *youtubers* bilíngues vêm produzindo outras formas de circulação e consumo cultural na escola de surdos, organizei essa dissertação em seis capítulos. No capítulo 1 intitulado “Das identidades de uma pesquisadora surda as possibilidades de resistência – trajetórias formativas”, apresento minha trajetória como pesquisadora no campo da educação de surdos. Para isso faço um exercício narrativo acerca de alguns acontecimentos nesse processo formativo que permitiram desenvolver essa pesquisa. No capítulo dois, “Educação Bilíngue no cenário da Educação de Surdos” desenvolvo sobre o cenário da escola de surdo e as possibilidades de uma educação bilíngue. Já o capítulo três “Trajeto investigativo: os caminhos, as escolhas e as possibilidades da pesquisa” apresenta as narrativas de alunos e professores da escola de surdos, os canais de *youtubers* bilíngues e seus conteúdos, ou seja, a materialidade da pesquisa e seus desdobramentos. No capítulo quatro “A centralidade da cultura no contexto investigativo da Educação de Surdos: negociação, hibridismo e interculturalidade” me ocupo de problematizar a centralidade da cultura no contexto da educação de surdos. No quinto capítulo “Escola, Comunidade Surda, *youtubers* e seus conteúdos” discorro sobre os conteúdos dos *youtubers* bilíngues que entram na escola e analiso seus efeitos nas práticas pedagógicas. No capítulo seis, apresento as “Considerações Finais” desse estudo, atentando para as implicações dele para o campo da educação de surdos.

## 2 EDUCAÇÃO BILÍNGUE NO CENÁRIO DA EDUCAÇÃO DE SURDOS

Este capítulo tem a intenção de apresentar alguns fragmentos históricos das lutas dos movimentos surdos em defesa da educação bilíngue. Para isso, faz um recorte de alguns acontecimentos, em especial no estado do Rio Grande do Sul, que dão pistas para entendermos as condições de possibilidades da produção de um discurso que defende a educação bilíngue para as pessoas surdas.

### 2.1 O CENÁRIO DA LUTA POLÍTICA PELA DEFESA POR UMA EDUCAÇÃO BILÍNGUE

A educação bilíngue e a manutenção das escolas de surdos, bem como a melhoria na qualidade de ensino dessas instituições, é uma das maiores bandeiras de luta do movimento surdo atualmente. O movimento surdo do Rio Grande do Sul é forte: ele continua sendo considerado um dos mais fortes do Brasil. Em 1999, no salão de atos da Universidade Federal de Rio Grande do Sul (UFRGS), realizou-se um evento muito importante para a Educação de Surdos: o V Congresso Latino-Americano de Educação Bilíngue. Antes do Congresso, foi concretizado o pré-congresso, com a participação apenas de pessoas surdas. Nesse momento, produziu-se o documento *Educação que nós Surdos Queremos*, com 147 artigos, todos sobre como melhorar a qualidade do ensino de surdos e buscar uma formação mais qualificada dos professores e intérpretes de Libras. A declaração também cobrava uma maior acessibilidade para surdos.

No pré-congresso, os sujeitos surdos se reuniram e elaboraram o documento “Educação que nós surdos queremos”. Nesse documento, constam os esclarecimentos sobre a forma como os surdos queriam que fossem narrados, diretrizes surdas para a educação, discussões de Língua de Sinais, os direitos dos intérpretes de Língua de Sinais e o reconhecimento da Língua de Sinais pelo Estado. (DALL’ALBA, 2013, p. 25)

O documento foi entregue ao governador do estado do Rio Grande do Sul, Olívio Dutra, após uma passeata com aproximadamente duas mil pessoas, saindo da UFRGS e sendo concluída no Palácio do Governador.

Figura 3 – Reunião no Palácio de Governo do Estado do Rio Grande do Sul para entrega do documento “Educação que nós surdos queremos”



Fonte: Acervo da autora (1999).

O congresso de 1999 ocupa um lugar importante no cenário das lutas por uma educação de surdos de qualidade, principalmente na defesa de uma educação bilíngue, onde o uso da Língua de Sinais assume centralidade. Nesse sentido, várias ações se desprendem das pautas desse congresso. Dentre elas, destaco a regulamentação dos instrutores de Libras, os quais hoje se constituem como professores de Libras reconhecidos por meio da formação em nível de graduação em Letras/Libras. Cabe destacar que o primeiro curso dessa área foi ofertado em 2006, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Essa profissão foi institucionalizada pelo Decreto nº 5.626<sup>7</sup>, de 20 de dezembro de 2005: ele declara, oficialmente, que a função do professor de Libras é legalizada.

Após a elaboração desse documento, em 1999, houve uma outra reunião marcante no Rio Grande do Sul, em busca de uma melhor qualidade para a Educação de Surdos. A reunião ocorreu em Caxias do Sul, no ano de 2001, durante o seminário que reuniu centenas de profissionais da área de Educação de Surdos. Estes agentes produziram uma carta com recomendações de melhorias para a Educação de Surdos. Em 2001, ainda não havia o curso Letras/Libras: ele parecia um sonho bem distante.

Em 2001, os representantes surdos de todo o país se reuniram no “Seminário Nacional: Surdos um Olhar sobre as Práticas em Educação”, realizado em Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, para fazer uma lista de recomendações. A principal recomendação era a criação de um curso de graduação de Língua de Sinais aos surdos, já que, em 2001, ainda a Libras não havia sido oficializada. O movimento surdo lutava por isso sem imaginar que teria o Curso Letras/Libras em 2006. (DALL’ALBA, 2013, p. 30)

<sup>7</sup> O Decreto nº 5626/2005 (BRASIL, 2005) regulamenta a Lei nº 10.436/2002 (BRASIL, 2002), que reconhece Libras como língua oficial da comunidade surda.

Além dos documentos *A educação que nós, surdos, queremos*<sup>8</sup> (FENEIS, 1999) e a *Carta de recomendação*<sup>9</sup>, de 2001, produzidos do estado do Rio Grande do Sul, gostaria de mencionar a importância do Núcleo de Pesquisa em Políticas de Educação para Surdos (NUPPES) na luta pela educação bilíngue de surdos. O NUPPES foi um importantíssimo grupo de pesquisa, lotado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Rio Grande do Sul. Seu coordenador, o professor Carlos Skliar, produziu um conjunto de importantes ações em prol da Educação de Surdos a partir de pesquisas, publicações e encontros produzidos pelo referido grupo. Ainda sobre o NUPPES:

[...] sem dúvida, contribuiu muito para alguns avanços sociais, educacionais e políticos no que concerne à causa surda no Brasil. Tendo como aliada a Linha de Pesquisas Estudos Culturais em Educação daquele mesmo programa de pós-graduação, o NUPPES, durante muitos anos, funcionou como um centro tanto produtor e irradiador de conhecimentos e formador de especialistas no campo dos Estudos Surdos quanto catalizador de ações políticas em prol dos direitos dos surdos. (LOPES, 2007, p. 31)

Um grande número de surdos ingressou nos cursos de Mestrado e Doutorado pela Universidade Federal de Rio Grande do Sul. Gladis Perlin foi primeira surda a ter doutorado no Brasil, sob a supervisão do professor Carlos Skliar, que também orientou algumas referências na comunidade surda, tais como Márcia Lise Lunardi-Lazzarin, Madalena Klein, André Reichert, Wilson de Oliveira Miranda, Gisele Rangel, Liliane Ferrari Giordani, Adriana da Silva Thoma, Maura Corcini Lopes, entre outros.

Em consonância com as atividades do NUPPES, em 1996, o Rio Grande do Sul passou a ter o escritório regional da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos – FENEIS. Este foi fundado em 1977, na cidade do Rio de Janeiro. Com a vinda do escritório da FENEIS para o Rio Grande do Sul, o movimento surdo gaúcho se potencializa como um importante parceiro nas pautas promovidas pelo NUPPES. Começamos a reconhecer no RS a presença de fortes lideranças surdas nas decisões políticas, educacionais, culturais e linguísticas das pessoas surdas. A partir desse cenário, é possível ver o quanto o Rio Grande do Sul se coloca como protagonista de luta nas causas surdas.

A saída do grupo de pesquisadores originais do NUPPES, pelo término das suas pesquisas, coincidiu com a volta do prof. Carlos Skliar (líder do grupo) à Argentina. Assim, o

---

<sup>8</sup> Documento elaborado pela comunidade surda a partir do pré-congresso ao V Congresso Latino-Americano de Educação Bilíngue para Surdos, realizado em Porto Alegre/RS, na UFRGS, em 1999.

<sup>9</sup> A carta de recomendação foi produzida pelos surdos e ouvintes que estavam no Seminário de Educação de Surdos realizado em Caxias do Sul/RS, na Universidade de Caxias do Sul, e entregue ao Ministério de Educação, no mesmo ano.



NUPPES se reorganiza como Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Educação de Surdos (GIPES). Esse grupo, composto pelos antigos pesquisadores do NUPPES distribuídos em quatro universidades do RS (UFRGS, UFPel, UFSM e UNISINOS), realiza pesquisas no campo da Educação de Surdos. No momento, a liderança do GIPES encontra-se na Universidade do Rio Grande do Sul, sob responsabilidade da Profa. Lodenir Becker Karnopp.

O GIPES foi criado em 2006, tendo como característica a pesquisa interinstitucional. Seu histórico acadêmico científico está diretamente relacionado às atividades desenvolvidas no Núcleo de Pesquisa e Políticas Educacionais para Surdos (NUPPES), coordenado até 2006 pelo prof. Dr. Carlos Bernardo Skliar, na Universidade Federal de Rio Grande do Sul. A continuidade desses estudos, culminando na criação do GIPES, foi dada pelos professores membros do NUPPES que hoje se inserem em diferentes universidades, encabeçando estudos na área da surdez. As discussões do GIPES deram origem a uma investigação sobre a situação educacional dos sujeitos surdos em diferentes regiões do Estado do Rio Grande do Sul. Tais levantamentos permitiram visualizar o atual cenário da Educação de Surdos no Rio Grande do Sul. (PINHEIRO, 2012, p. 13)

É possível vislumbrar, na descrição desse grupo de pesquisa, sua articulação com o movimento surdo organizado, cujas investigações tomam como centralidade a pauta acerca da educação bilíngue para surdos e suas implicações para o cotidiano das escolas de surdos. Na condição de defesa de uma política de educação bilíngue para as pessoas surdas, reporto-me a um evento que sacode a comunidade surda brasileira no ano de 2011. Ele ocorreu a partir das declarações da diretora das Políticas de Educação Especial do Ministério da Educação, que considerava que a situação sensorial das pessoas surdas não dava condições para que esses sujeitos instituísem uma cultura. O movimento surdo se vê afrontado e organiza uma passeata em Brasília. Nunca se tinha visto um movimento de 4 mil de pessoas, surdas e ouvintes, na história da Educação de Surdos. Segue as palavras da referida diretora, publicadas na Revista da FENEIS:

Do ponto de vista da educação inclusiva, o MEC não acredita que a condição sensorial institua uma cultura. As pessoas surdas estão na comunidade, na sociedade, compõem a cultura brasileira. Nós entendemos que não existe Cultura Surda e que esse é um princípio segregacionista. As pessoas não podem ser agrupadas nas escolas de surdos porque são surdos. Elas são diversas. Precisamos valorizar a diversidade humana. (CLARET, 2011, p. 23)

Nesses cenários de muitas frentes de lutas e discussões em prol da institucionalização da educação bilíngue, foi aprovado o Plano Nacional de Educação (PNE), Lei nº 13.005, em 2014 (BRASIL, 2014). Aqui, queremos destacar em especial a Meta 4.7, que garante a educação bilíngue para Surdos.

4.7 - Garantir a oferta de educação bilíngue, em Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, como primeira língua, e na modalidade escrita da Língua Portuguesa, como segunda língua, aos(às) alunos(as) surdos e com deficiência auditiva de 0 (zero) a 17 (dezesete) anos, em escolas e classes bilíngues e em escolas inclusivas, nos termos do art. 22 do Decreto no 5.626, de 22 de dezembro de 2005, e dos arts. 24 e 30 da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, bem como a adoção do Sistema Braille de leitura para cegos e surdos-cegos. (BRASIL, 2014, s./p.)

Atualmente, as bandeiras do movimento surdo se aliam pela luta da manutenção de escolas bilíngues (que possuam Libras como primeira língua, língua de instrução, e a Língua Portuguesa como segunda língua, língua adicional). Para isso, entende-se que ser surdo é uma experiência visual: o surdo é o sujeito que possui a comunicação espaço-visual como principal meio de comunicação e apreende o mundo por meio das experiências visuais. Para Bataglin (2012, p. 6), o sujeito “entende que faz parte de uma cultura, a cultura surda, que o significa e o constrói enquanto sujeito que vê o mundo e o entende através da visão”.

Os alunos surdos brasileiros têm o direito de estudar em uma escola onde a Libras seja a primeira língua, isso está garantido pelos documentos legais já citados nesse trabalho, tais como a Lei nº 13.005 (BRASIL, 2014) do Plano Nacional de Educação, a Lei nº 10.436 (BRASIL, 2002), o Decreto nº 5.626 (BRASIL, 2005), a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (LBI) e a Lei nº 13.146 (BRASIL, 2015).

No momento em que estou concluindo essa dissertação, o governo federal brasileiro publicou o Decreto nº 10.502, de 30 de setembro de 2020<sup>10</sup>, que institui a Política Nacional de Educação Especial: Equitativa, Inclusiva e com Aprendizado ao Longo da Vida. Nesse documento, há a defesa das escolas bilíngues para alunos surdos. No capítulo 2 – “Dos Princípios e Objetivos da Política Nacional de Educação Especial” –, o item VII estabelece a garantia da implementação de escolas bilíngues de surdos e surdo-cegos:

A educação bilíngue de educandos surdos, surdo-cegos e com deficiência auditiva que optam pela Língua Brasileira de Sinais envolve o respeito e a promoção da especificidade linguística e cultural dos educandos sinalizantes da Língua Brasileira de Sinais e a organização dos serviços educacionais disponíveis em escolas e classes bilíngues de surdos e em escolas regulares inclusivas, garantindo, assim, a educação bilíngue que adota a Língua Brasileira de Sinais como primeira língua (L1) e a Língua Portuguesa escrita como segunda língua (L2). (MEC, 2020, p. 51)

Trago o excerto da publicação para o contexto dessa dissertação, pois entendo que a institucionalização das escolas bilíngues é uma luta histórica das comunidades surdas brasileiras. Sem querer entrar no mérito ou fazer um juízo de valor acerca dessa defesa no

---

<sup>10</sup> No dia 1º de dezembro de 2020, o Supremo Tribunal Federal suspendeu o Decreto (STF, 2020).

contexto da Política Nacional da Educação Especial, me interessa demarcar o lugar que a educação bilíngue vem ocupando no cenário político nacional.

## 2.2 CENÁRIO DA ESCOLA DE SURDOS: AS POSSIBILIDADES DE UMA EDUCAÇÃO BILÍNGUE

Nesse momento, considero importante trazer para a discussão dessa pesquisa alguns fragmentos da história da Educação de Surdos associados ao surgimento da Língua de Sinais. É muito importante esclarecer que a Língua de Sinais não é linguagem. Em 1960, o pesquisador americano William Stokoe confirmou que a Língua de Sinais tem uma estrutura linguística e gramatical como qualquer língua do mundo.

A Libras foi reconhecida no Brasil pela Lei nº 10.436 (BRASIL, 2002) e regulamentada pelo Decreto nº 5.626 (BRASIL, 2005), que esclarece alguns pontos dos direitos linguísticos dos surdos a fim de que possa participar, com condições de igualdade, em todos os segmentos da sociedade. Essa lei oferece a inclusão social e a cidadania, ao mesmo tempo que promove independência de vida ao ser surdo, além de garantir seus direitos humanos e linguísticos.

Cabe ressaltar a importância dessa lei para as comunidades surdas brasileiras, sabendo do histórico de segregação e exclusão educacional na qual os surdos foram submetidos durante anos por conta do não reconhecimento da sua condição linguísticas e da imposição do método oral. É usual encontrarmos, na literatura especializada, o oralismo como o movimento na Educação de Surdos: ela seria centrada no método oral e a fala ocuparia um lugar central nos processos educacionais. Na metodologia citada, era proibido o uso das mãos pelos surdos como forma de comunicação. Nesse cenário oralista, é importante lembrar o Congresso de Milão (1880), marco na história da Educação de Surdos. Durante esse evento, foi vetado o uso da Língua de Sinais nas escolas:

Em 1880, ocorreu o Congresso Internacional de Surdo-Mudez, em Milão, Itália, o qual, nos dias atuais, é referenciado apenas como Congresso de Milão, evento marcante e que fez parte da história da Educação de Surdos. O referido congresso teve como objetivo principal a votação que decidiria sobre a utilização da linguagem oral e LS como filosofias de ensino para surdos. Havia 164 participantes ouvintes e nenhum surdo participante no Congresso. Diversos países tiveram representações, entre eles: Grã-Bretanha, Itália, Suécia, Rússia, Canadá, Estados Unidos, Bélgica, França e Alemanha. Os professores surdos foram proibidos de votos e a decisão de votação resultou na escolha por um caminho de oralização na Educação de Surdos. (DORES, 2017, p. 32-33)

De 1880 até hoje, não conseguimos recuperar tudo o que perdemos: antes do congresso acontecer, haviam professores e demais profissionais surdos nas escolas. São anos de lutas e resistências pela Língua de Sinais. São batalhas diárias pela qualidade da Educação de Surdos do Brasil, o movimento surdo segue sólido. Me trevo a dizer que há certo distanciamento no que é defendido pela comunidade surda acerca da educação bilingue para surdos e o que preconizam Políticas Públicas no campo da Educação Especial e Inclusiva no país. A comunidade surda não defende a segregação, apenas reforçamos a necessidade de defender a diferença linguística como elemento primordial no processo de escolarização das pessoas surdas. Por isso, reiteramos a luta pela garantia da Língua de Sinais aos alunos surdos desde a estimulação precoce e Educação Infantil. Conforme a pesquisadora surda Rezende (2010, p. 49):

[...] esse congresso representou uma era fervilhante das Línguas de Sinais, apesar das resistências surdas contarem que as Línguas de Sinais sobreviviam às velas embaixo das camas dos alojamentos das instituições de surdos do mundo todo. O que quero dizer é que as Línguas de Sinais já não tinham mais poder como a língua de ensino nas salas de aula, uma vez que foram demitidos os muitos professores e os ferrenhos oralistas assumiram os postos.

Ilustrei o cenário, conforme é possível ver a seguir, que remete à citação de Rezende. Os alunos surdos se comunicavam em Língua de Sinais nos alojamentos, às escondidas, nos tempos em que o oralismo tinha poder nas salas de aulas.

Figura 4 – Surdos embaixo da cama



Fonte: Elaborada pela autora (2019).

Dentro desse recorte histórico, apresentam-se os diferentes movimentos políticos e educacionais em que a Educação dos Surdos é representada. No quadro a seguir, destaco esses movimentos:

Quadro 1 – Três momentos de Educação de Surdos

<b>ORALISMO</b>	<b>COMUNICAÇÃO TOTAL</b>	<b>BILINGUISMO</b>
Oralidade como único meio de comunicação.	Oralidade, gestos e outras estratégias para proporcionar a comunicação com os surdos, apoiando e reforçando o uso de aparelhos auditivos.	Língua de Sinais como língua principal para a comunicação e como língua de instrução dos alunos surdos.

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Cabe ressaltar que esses movimentos não se deram de forma estanque e linear: seus efeitos aparecem na Educação de Surdos de várias formas, ou seja, temos processos educacionais que primam pelo oralismo, além de práticas pedagógicas que adotam a comunicação total; outras, o bilinguismo. Não podemos afirmar que em todas as escolas onde haja alunos surdos exista um trabalho metodológico baseado na educação bilíngue.

A fim de trazer alguns acontecimentos sobre o contexto da educação bilíngue, olho para o cenário da Escola de Surdos Helen Keller, de Caxias do Sul, porque muito da minha incursão enquanto pesquisadora se dá no convívio com essa comunidade escolar. Em 1993, uma das professoras ouvintes da escola, Carla Valentin, participou do II Congresso Latino-Americano de Educação Bilíngue, no Rio de Janeiro, e conheceu o prof. Carlos Skliar, da Argentina, e o prof. Carlos Sanchez, da Venezuela. Na ocasião, a referida educadora os convidou para conhecer a Escola Helen Keller e colaborar com um projeto de educação bilíngue para surdos.

Em 1994, Caxias do Sul deu um grande passo: realizou o I Seminário Nacional de Educação Bilíngue para Surdos e, ali, começaram as discussões sobre a educação bilíngue, com a presença dos professores Carlos Skliar e Carlos Sanchez. A Escola Helen Keller começou a trabalhar com o método bilíngue aos poucos, pois houve muitas controvérsias de professores e familiares; hoje, a escola é bilíngue e de grande referência. A partir desse cenário, a Escola Helen Keller, juntamente com os professores Skliar e Sanchez, promoveu dois seminários importantes sobre a educação bilíngue para surdos em Caxias do Sul, com o apoio da prefeitura do município: um ocorreu em 1994 e o outro em 1996. Esses momentos foram um *boom* para a Educação de Surdos do Brasil: os professores Skliar e Sanchez colaboraram com a transição de metodologias de ensino aos alunos surdos e criaram um projeto muito importante, chamado “Área Campo de Ação”, que até hoje existe na escola. Essa iniciativa consiste em um trabalho

coletivo entre todos os alunos surdos da escola. Na ocasião da implementação do projeto, os encontros aconteciam três vezes por semana porque havia um grande número de alunos participantes. Atualmente, essas reuniões acontecem apenas uma vez por semana.

[...] a escola implementou o projeto, que ficou nome de “área”, um espaço destinado ao convívio e interação entre crianças de diferentes faixas etárias e com surdos já adultos. As atividades baseavam-se em temas escolhidos pelos alunos e professores e eram desenvolvidas todas na Língua de Sinais. (NEVES, 2011, p. 107)

Esses encontros geraram uma troca de experiências dos alunos jovens com os adultos ou com os menores. O projeto é um espaço em que existe uma diversidade de temas e ações tratados pelos alunos: é um momento só deles, dos surdos. Os educandos fazem teatro, gincanas, olimpíadas, filmes e outras coisas interessantes. Essas iniciativas são produzidas pelos alunos. O principal elemento do “Área” é o uso da Língua de Sinais. Se o Brasil descobriu uma notícia de grande repercussão e os alunos surdos não conseguiram entender ao ver na televisão ou nos jornais, no projeto “Área” os alunos podem ter maiores informações sobre esses fatos em Libras. A compreensão dos alunos surdos no “Área” é maior, porque os professores surdos repassam as informações exatamente na primeira língua dos alunos surdos, além de se basear em experiências visuais.

O surdo percebe o mundo de forma diferenciada dos ouvintes, através de uma experiência visual, e faz uso de uma linguagem específica para isso: a Língua de Sinais. Esta língua é, antes de tudo, a imagem do pensamento dos surdos e faz parte da experiência vivida da comunidade surda. Como artefato cultural, a Língua de Sinais também é submetida à significação social a partir de critérios valorizados, sendo aprovada como sistema de linguagem rico e independente. (QUADROS; SCHMIEDT, 2006, p. 59)

Cada surdo é um sujeito cultural. A identidade surda acontece quando o surdo se aceita e se insere na comunidade surda, que é representada pelas associações, igrejas, escolas, eventos, clubes e qualquer lugar onde os surdos se reúnem e expandem a cultura surda, inclusive a entrecruzando com outras. Nesse sentido, Perlin (1998, p. 63) argumenta:

Identities surdas são presentes no grupo onde entram os surdos que fazem uso da experiência visual propriamente dita. Noto, nesses surdos, formas muito diversificadas de usar a comunicação visual que caracterizam o grupo, levando para o centro do específico surdos... sua identidade fortemente centrada no ser surdo [...].

Para pensar o lugar da escola nessa pesquisa de mestrado, escolho enxergá-la como caldeirão cultural onde diferentes modos de viver a experiência surda precisam ser

potencializados. Nesse sentido, olhar para a noção de interculturalidade me permite pensar na promoção de outras formas de estar no mundo a partir de múltiplas combinações culturais. Com isso, quero pontuar o foco desse estudo, que é pensar nesses outros modos de ser surdo no cenário contemporâneo.

Ao problematizar os modos de vida contemporâneos das pessoas surdas, encontro possibilidades de pensar a escola de surdos como um dos *locus* para a transformação, a negociação e a produção de outras formas de existência surda, a partir das relações interculturais. Minha intenção é mostrar as formas de estar na escola e as possibilidades de apreender outros modos, por meio dos artefatos produzidos por *youtubers*, em um processo de construção de relações interculturais. Sendo assim, no próximo capítulo apresento o cenário metodológico em que essa pesquisa foi construída.

### 3 TRAJETÓRIA INVESTIGATIVA: OS CAMINHOS, AS ESCOLHAS E AS POSSIBILIDADES DA PESQUISA

A partir do emaranhado de experiências que me atravessam enquanto pesquisadora surda, intencionei, nesse estudo, olhar para as vivências contemporâneas, híbridas e interculturais da vida que, hoje, organizam tanto os movimentos surdos quanto as escolas de surdos. Nesse sentido, o problema que conduziu essa pesquisa foi **compreender de que forma os materiais elaborados por *youtubers* bilíngues vêm produzindo outras formas de circulação e consumo cultural na escola de surdos**. Para responder a esse problema, dois objetivos específicos foram pensados:

- 1) Identificar que conteúdos culturais em Libras são produzidos nos canais dos *youtubers*;
- 2) Compreender como os alunos e professores surdos e ouvintes estão consumindo as produções dos *youtubers* na escola.

A fim de operacionalizar esses objetivos, foi preciso realizar uma escolha metodológica: elegi as entrevistas narrativas como instrumento de coleta de dados. A entrevista narrativa faz parte dos acontecimentos dos diálogos entre pesquisadora e autores das narrativas. Elas acabaram por mostrar as perspectivas das experiências dos atores envolvidos na pesquisa. Esse tipo de metodologia da entrevista narrativa foi idealizado por um sociólogo alemão, como explicado abaixo:

Idealizada por Fritz Schütze como um dispositivo para compreender os contextos em que as biografias foram construídas, os fatores que produzem mudanças e motivam as ações dos portadores da biografia, essa entrevista produz textos narrativos sobre as experiências das pessoas, expressando maneiras como os seres humanos vivem o mundo por meio de histórias pessoais, sociais e coletivas. Ela tem como objetivo incentivar a produção de uma narrativa pelo depoente. (MOURA; NAKARATO, 2017, p. 17)

As narrativas fazem parte do intuito da compreensão e da elaboração do campo de análise e têm uma relação forte com desenvolvimento da interculturalidade. Segundo Larrosa (1996, p. 462), “o sentido de quem somos depende das histórias que contamos, a quem nós contamos”. Os materiais produzidos por essas narrativas foram essenciais para identificar os conteúdos elaborados pelos *youtubers* bilíngues e entender como os alunos e professores surdos e ouvintes consomem as produções dos *youtubers* bilíngues nas suas aulas. Ao problematizar



os modos de vida contemporânea das pessoas surdas, encontro possibilidades de pensar a escola de surdos como um dos lócus de potência para a transformação, a negociação e a produção de outras formas de existência surda, a partir das relações interculturais.

Nesse sentido, organizei esse capítulo em três sessões. Na primeira etapa, estão descritos os procedimentos metodológicos acerca dos sujeitos que deram sentido a essa pesquisa. Os grupos de sujeitos entrevistados foram: alunos surdos, professores surdos e ouvintes e os *youtubers* bilíngues. A coleta dos dados desses sujeitos aconteceu por meio de entrevistas *online* e presenciais. A Escola de Surdos Helen Keller, de Caxias do Sul, é o cenário que escolhi para entrevistar os alunos e professores. Na segunda sessão do estudo, procuro mostrar a eficiência dos canais dos *youtubers* para a produção, a circulação e o consumo do que vem sendo construído como cultura surda. Ao mesmo tempo, destaco os conteúdos divulgados nesses veículos como potentes estratégias pedagógicas e culturais, ou seja, me interessa pensar nos efeitos desses conteúdos quando são abordados no contexto da escola de surdos.

Tudo isso para mobilizar outras possibilidades de pensar os modos de vida surda, que passam, necessariamente, pela naturalização do que é ser surdo e pertencer a uma cultura surda. Na terceira sessão, apresento mais detalhadamente a materialidade da pesquisa e os arranjos metodológicos. Busco reconhecer os enunciados repetidos nas entrevistas e apresentá-los nas recorrências, a fim construir as categorias analíticas. Do meu ponto de vista, esse processo constitui-se como um vigoroso exercício para operar a etapa interpretativa desse estudo.

Todas as entrevistas ocorreram em Língua Brasileira de Sinais, minha primeira língua, e foram traduzidas para a escrita em Língua Portuguesa; eu mesma fiz a transição. A seguir, apresento o conjunto das entrevistas narrativas realizadas com professores surdos e ouvintes, alunos surdos e *youtubers* bilíngues.

### 3.1 NARRATIVAS DE ALUNOS E PROFESSORES DA ESCOLA DE SURDOS

As entrevistas narrativas foram realizadas com três alunos surdos, duas professoras surdas e uma professora ouvinte da Escola Helen Keller. No total, seis sujeitos foram entrevistados. As entrevistas aconteceram de forma *online*, pois estamos vivendo em meio à pandemia do Coronavírus<sup>11</sup>. Nesse sentido, fiz contato pelo WhatsApp com os entrevistados e também conversei com eles por videoconferência, através do Facebook.

---

<sup>11</sup> A pandemia começou na China, no final de 2019. O Coronavírus é conhecido oficialmente pelos pesquisadores e cientistas como COVID-19. Essa doença afeta o sistema respiratório.

Para conduzir essa conversa, organizei um roteiro com cinco perguntas e deixei cada entrevistado responder à vontade, sem um questionário padrão. As respostas resultantes desse processo estão descritas no quadro abaixo. Cabe destacar que as entrevistas foram semiabertas. As perguntas que fiz aos entrevistados foram:

1. Quais *youtubers* bilíngues você assiste com frequência?
2. Por quais temas se interessou?
3. Qual tema te marcou mais que todos?
4. Acha que os vídeos dos canais te desenvolveram?
5. Qual sua opinião sobre a relação entre os *youtubers* e a escola de surdos?

Quadro 2 – Respostas das entrevistas com alunos e professores

Alun@1	<p><i>Eu não tenho preferência por um youtuber. Eu gosto de todos os youtubers, sou surdo e igual todos eles surdos (youtubers). Eu gosto mais da temática do Roberto Castejon, principalmente os três temas: Hitler, história de ET nos EUA e De onde vem o vidro. Também são interessantes os vídeos sobre o Dia das Bruxas e a hora de 3h de madrugada. Os assuntos dos vídeos que eu não sabia foram sobre Trolls (Gabriel Isaac), De onde vem Vidro e a Hora de 3h madrugada (Roberto Castejon). Lembrei agora que também gosto de Andrei e Tainá (Visurdo). Os temas deles sobre o que o surdo pode ou não pode. Também amo a Flávia, do canal com o Bruno (É Libras). A Flávia faz meu tipo e gosto muito dela. Os vídeos dos youtubers me ajudaram muito a entender as coisas; os youtubers surdos ajudam muito os surdos. Sobre os youtubers para a escola, eu acho muito bom, porque os surdos entendem bem o que os vídeos sinalizam para nós e nos ensinam, com histórias para conhecer. Os professores da escola, eu não interessei muito, porque a Língua de Sinais deles é fraca. Por isso, entendemos mais os youtubers.</i></p>
Alun@2	<p><i>Os vídeos que assisto mais são dos irmãos Tainá e Andrei e o canal do Roberto Castejon. Tainá e Andrei, eles dão muitas dicas sobre a comunidade surda. Porque muitos ouvintes acham que os surdos não são capazes porque não ouvem. [Os youtubers] mostram que os surdos podem escrever e ler, entre outras coisas, [falam] sobre o preconceito contra pessoas com deficiências. Eu aproveito para mandar os vídeos para ouvintes, e começam a entender os surdos. Também fico muito curiosa sobre as histórias informadas por Roberto Castejon, que passam nos vídeos, entendo com muita clareza. Porque nos outros lugares já me falaram sobre as histórias e não fiquei interessada, porque não entendi; então, o Roberto fez em Libras e entendi tudo. Eu nunca tinha visto sobre a história de ET nos EUA (Roberto Castejon) e as 10 Leis Bizarras do Mundo (Roberto Castejon com Gabriel Isaac), muito interessante as histórias e nunca esqueci que eu fiquei tão curiosa! Fico horas assistindo as histórias, vale a pena! O YouTube me ajuda muito a entender, é leve, doce e claro em Libras. A maioria de ouvintes falando com lábios eu não entendo. Também a maioria de surdos não entendem muito sobre legenda em Português, pois os surdos entendem mais através da sua primeira língua, que é Libras. Por isso, o YouTube em Libras me ajuda, fico satisfeita e gosto muito.</i></p>

Alun@2	<p><i>Sobre a relação do YouTube com a escola, na verdade, o YouTube ainda é muito diferente para a escola. Porque lá é só de educação explicando os conteúdos da escola. As coisas da escola são confusas, porque é preciso ler textos que confundem, parece que essa situação é incomunicável. Os vídeos de YouTube com Libras são claros para entender e brilharam meus olhos. É gostoso! Eu gosto mais dos vídeos do que da escola, porque eu entendo tudo. É melhor para alunos surdos. Por exemplo, nas aulas sobre história de Alemanha, religião e entre outras histórias, [os conteúdos] se confundem muito, e nos vídeos de youtubers bilíngues são muito fortes e esclarecem muito, vale mais a pena do que escola. Desculpa, sei que a escola é boa, mas o YouTube é melhor.</i></p>
Alun@3	<p><i>Eu frequento mais o canal do Leonardo Virturino, porque ele posta muitos vídeos novos. Ele é surdo. E tem mais canais que são dos surdos que eu gosto: são do Roberto Castejon e da Flávia Lima. Eu gosto muito dos temas polêmicos e histórias que o Roberto Castejon faz e as temáticas de LGBT do Leonardo Virturino: eles passam muitas informações importantes à sociedade. Os vídeos me ajudam muito e são novos conhecimentos para mim, porque, às vezes, eu não sabia dos acontecimentos. Acho muito legal conhecer as novidades, isso ajuda. Sobre a escola, alguns vídeos ajudam a escola; também a escola ajuda os alunos surdos a fazerem vídeos para divulgar. Eu acho muito importante ter o YouTube em Libras, porque a maioria dos canais são do mundo dos ouvintes e são bem poucos para surdos. Os surdos não acessam os vídeos dos ouvintes porque não tem legenda, isso é uma barreira de acessibilidade. Por isso, youtuber bilíngue faz em Libras e estimula bastante. Acho muito legal ter isso e poder compartilhar com outros surdos. São inspirações aos surdos. Ajuda muito o nosso grupo pequeno, de surdos. É importante ter e passar informações para a comunidade surda. Também tem alguns vídeos de surdos para ouvintes.</i></p>
Professor@ Surd@1	<p><i>Eu assisto o canal de Tainá e Andrei (Visurdo). Mas me interessa muito o canal do Roberto Castejon, por causa de histórias. Adoro todos os assuntos dos vídeos deles; boto notificação quando entra um novo vídeo do canal deles. Assisto tudo, quando tenho tempo, e acho muito legal os assuntos diferentes e conhecendo novas coisas. Eu fico cansada de perguntas idiotas dos ouvintes sobre os surdos, por exemplo: porque os surdos usam música e os jeitos de surdos, e entre outras coisas. Eu pego esses vídeos, mando pra pessoas ouvintes e não preciso ficar explicando e repetindo aos ouvintes. O assunto que eu admirei muito é a cultura surda e identidade. Quando entrei na comunidade surda, e desde sempre tem novidades, eu não sabia de nada sobre cultura surda e identidade surda. É obvio que não precisa me perguntar se os canais dos youtubers me ajudam e me desenvolvem, está muito claro que me ajudaram muito. É bem óbvio. Sobre a relação de YouTube na escola de surdos, na minha opinião, eu, alguns professores ouvintes e a diretora já avisaram para o resto de professores ouvintes que é bom usar e assistir esses vídeos dos youtubers, só que não interessaram. Porque têm matérias de histórias, artes e outros que os surdos apresentadores explicam isso, só que professores não assistem. Os alunos surdos ficam desentendendo os professores ouvintes, que ficam explicando muitos e muitos textos, não adianta. Os professores ouvintes não querem usar os vídeos dos Youtubers bilíngues, não têm vontade. Eu quero usar e procuro os vídeos sobre Física e Matemática, mas tem muito pouco.</i></p>

Professor@ Surd@1	<p><i>A maioria são de ouvintes, sem legenda, e alguns com legendas complicadas (automático). Já vi professor surdo explicar sobre Matemática, mas é muito básico, e já expliquei isso nas aulas. Eu quero mais profundo os vídeos sobre os conteúdos que eu trabalho, mas não tem. Tem alguns bons vídeos feitos por pessoas ouvintes, mas é em Português. Falta muito ainda, é preciso ter em Libras. Existem uns 2 ou 3 professores de Matemática e eu tentei usar imagem visual dos trabalhos dos ouvintes. Sim, o YouTube ajuda muito os alunos surdos, precisava da união entre o YouTube e a escola. Os alunos surdos sempre comentam sobre os youtubers na sala de aula. No ano passado, falaram muito sobre o vídeo da Tainá sobre a depressão, do vídeo “Contando o meu segredo...”. Isso chocou muito os alunos, porque existe tabu para falar sobre depressão. Os alunos choraram quando assistiram. Depois, trabalhamos sobre depressão. Certo, só sinto muita falta de Matemática e Física nos vídeos.</i></p>
Professor@ Surd@2	<p><i>Eu assisto vários vídeos dos youtubers, assisto mais são os vídeos da Tainá e do Andrei, que são daqui de Caxias do Sul. Eu fiquei bem que interessada com a “Peste Negra” através do vídeo feito pelo youtuber Roberto Castajen. Muito bom saber essa história. Eu sou professora de Biologia, eu acompanho o canal de YouTube Prô Jague, que é um Glossário de Biologia e feito por ouvintes, mas tem a janela de intérprete de Libras. Eu consigo acompanhar esse glossário e procuro sempre aprender os sinais da área de Biologia. Uso algumas partes dos vídeos que aparecem, de Biologia, e traduzo para meus alunos surdos, para eles saberem os significados. Eu gostei muito dos vídeos de cachorro da Tainá, mostrando como é comunicar com cachorro dela, e estou aprendendo como fazer com meu cachorro. Também vejo nos vídeos os sinais e as formas de sinalizar em Libras e acabo aprendendo a usar sinais novos nas aulas. Outra coisa, também gostei muito dos vídeos de família da Tainá e do Andrei, sobre a motivação da comunicação em Libras na família. Na verdade, eu já pensei e tenho vontade de criar o próprio canal sobre Biologia em Libras. Mas eu não sei mexer na edição e organizar os vídeos. E também tenho problema de apresentar, tenho vergonha. Sim, os vídeos de YouTube me ajudaram, só que tem muito pouco sobre Biologia. Eu tenho vontade de ajudar os meus alunos surdos sobre minha área. Os sinais de Libras nos vídeos ajudam muito os alunos surdos. Sobre a relação de YouTube e escola, na minha opinião, já vi muitos alunos pesquisarem os vídeos de YouTube sobre os conteúdos, e também eles me deram dicas sobre os vídeos de YouTube. Eu procuro os vídeos atendendo os pedidos dos alunos e ajudo a explicar alguns temas pra eles, eu acho interessante. Eu e os alunos procuramos temas nos vídeos e ajudamos outros alunos, uma troca. Por exemplo, sobre Biologia, eu explico se os alunos não entendem, e procuro o vídeo para complementar. Às vezes, os alunos ajudam também a explicar: nós trocamos ideias e encontramos novas estratégias para ajudar a entender melhor os conteúdos. Eu também os peço para pesquisar nos vídeos e trazer discussões nas salas de aulas. E procuram imagens também, o dicionário é muito difícil pra eles.</i></p>
Professor@ Ouvinte1	<p><i>Eu gosto de acompanhar alguns canais e encontrar os sinais novos no YouTube. Não são os youtubers bilíngues. Eu acompanho o canal de INES e também intérprete a Paty, o canal de YouTube dela. Agora, os assuntos que eu procuro são os sinais para usar a tradução.</i></p>

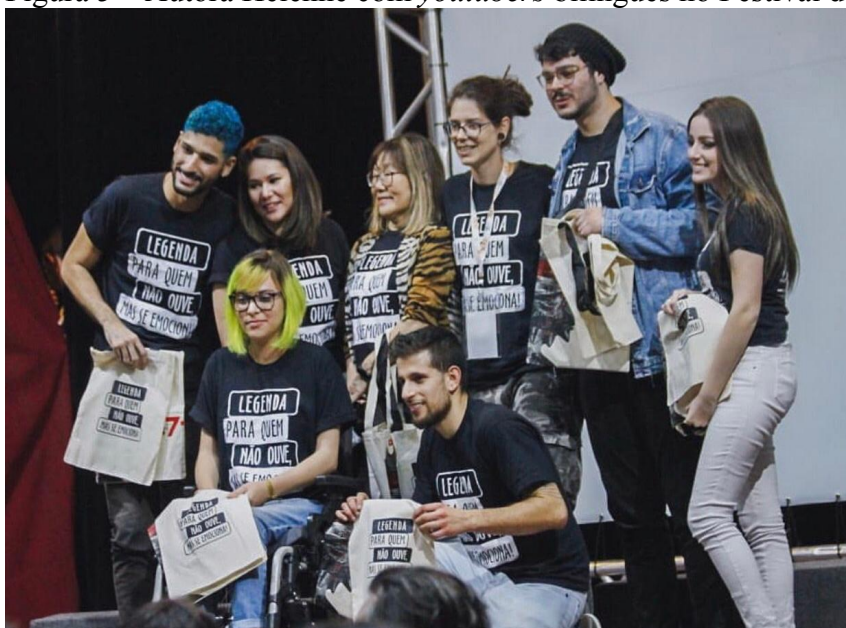
<p>Professor@ Ouvinte1</p>	<p><i>Mas agora estou procurando os sinais da área da pandemia de Coronavírus, porque chegam muitas informações e os surdos não têm como acompanhar por falta de acessibilidade. É preciso de estudar os sinais para passar a segurança aos surdos. Agora, eu acompanho o pesquisador Atila Iamarino, ele é professor e biólogo, com doutorado sobre vírus. Atualmente, está nos EUA, estudando um pós-doutorado. Os assuntos dele são muito interessantes. Consegui informar aos surdos, com traduções no Instagram do grupo de Porto Alegre e no Facebook, na página de Central Libras/Coronavírus. Agora, sobre a escola, eu acho muito interessante os alunos acompanharem os vídeos de YouTube. Os assuntos das disciplinas próprias, por exemplo: na aula de Ciência, eu procuro como explicar o Coronavírus e também discutir sobre sinais quem não têm dessa área. Eu acho muito interessante para a Escola Helen Keller, o ensino médio, a criação do canal no YouTube. E divulgar, é ótimo! Porque, por exemplo, o canal de INES tem variações de sinais e as várias histórias que precisamos aprender. É legal estudar antes, para criar novos sinais e conhecer os conceitos dos sinais que não tem na área. Agora, que vivemos, é legal para jovens também pesquisar e ter as ideias diferentes. É interessante!</i></p>
--------------------------------	---

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

### 3.2 CANAIS DE YOUTUBERS BILÍNGUES E SUAS NARRATIVAS

Como outra fonte de materialidade da pesquisa, elejo cinco canais do YouTube, com seis *youtubers* bilíngues brasileiros. Alguns canais são formados por duplas, ou seja, dois *youtubers* por canal. A escolha por esses cinco se deu pelo grande número de inscrições e, portanto, de circulação e consumo dos seus conteúdos.

Figura 5 – Autora Helenne com *youtubers* bilíngues no Festival de Cinema de Gramado



Fonte: Acervo da autora (2019).

O evento comemorativo aos 15 anos da campanha “Legenda para Quem Não Ouve, mas se Emociona”, realizado durante o Festival de Cinema de Gramado, no mês de agosto de 2019, foi um momento potente para minha investigação. Lá, estavam os *youtubers* cujos canais fazem parte da materialidade de minha pesquisa. Na ocasião, pude conversar com eles e trocar informações sobre os canais: a maioria deles produz vídeos em Libras e colocam as legendas.

Figura 6 – Momento da Roda de Conversa no evento dos 15 anos da campanha “Legenda Nacional”, em Gramado, com o Festival de Cinema de Gramado



Fonte: Acervo da autora (2019).

A foto acima mostra o momento que conversei com *youtubers* bilíngues, junto ao público que fazia parte da programação do evento. Chamei os *youtubers* bilíngues ao palco e os deixei à vontade para falar sobre seus canais; nesse momento, apenas mediei a conversa. Todos eles estavam sentados no palco e o público, mais de 400 pessoas, assistia a nossa roda de conversa. Após esse primeiro momento, passei a fazer perguntas específicas para cada um, as quais foram filmadas por membros de comissão organizadora. Como o evento foi aberto ao público e os canais veiculam conteúdos públicos, mantive os nomes dos *youtubers* e de seus canais.

Os vídeos dos *youtubers* bilíngues são educativos, de uma certa forma, por serem acessíveis aos surdos. Abaixo, transcrevo um quadro com a descrição dos canais e dos *youtubers* elegidos para essa pesquisa. Fiz um levantamento dos canais que possuíam conteúdos



em Libras para, posteriormente, fazer a leitura e a análise dos conteúdos desses canais, bem como as entrevistas realizadas com os *youtubers*.

Quadro 3 – *Youtubers* escolhidos para a materialidade da pesquisa

Canal	<i>Youtuber</i>	Surdo ou Ouvinte	Número de Inscritos <sup>12</sup>	Início	Estado
<b>Visurdo</b>	Andrei e Tainá	Irmãos Surdos	+181.000	2010	Rio Grande do Sul
<b>Apenas Amor</b>	Melissa	Coda	+436	Abril 2018	São Paulo
<b>É Libras</b>	Bruno e Flávia	Surdo e Ouvinte	+18.400	Fevereiro 2016	São Paulo
<b>Léo Viturinno</b>	Leandro	Surdo	+42.000	Agosto 2016	Bahia
<b>Beto Castejon</b>	Roberto	Surdo	+9.280	Dezembro 2016	Goiás

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Tomo a produção desses canais como a materialidade desse estudo, mas também como forma de promover a divulgação da cultura surda e as diferentes possibilidades de pensá-la como produção de dados para a pesquisa. Sendo assim, uma das ações da investigação foi articulada durante o 15º Encontro de Legenda Nacional em Gramado/RS, onde fiz uma roda de conversa dentro da programação do 47º Festival de Cinema de Gramado, em 2019. Nesse evento, tive a oportunidade de conversar com alguns dos *youtubers* elegidos para a pesquisa; foi um debate muito rico e produtivo.

Para isso, organizei algumas questões a partir dos conteúdos que eles desenvolvem nos canais e estabelecemos um diálogo. Essas conversas com os *youtubers*, com certo tom de entrevista, foram realizadas em Libras, filmadas, gravadas e parcialmente traduzidas por mim. Por meio dessas narrativas e demais conteúdos de seus canais, intenciono pensar, junto do conceito de interculturalidade, os diferentes modos de vida cultural surda que circulam nos espaços das escolas de surdos. As entrevistas com os *youtubers* foram traduzidas e transcritas por mim e podem ser encontradas na categoria de descrições de canais. Estão dentro dos quadros.

Os canais dos *youtubers* selecionados para compor essa pesquisa e os conteúdos de seus vídeos são aqueles que empoderam a comunidade surda e falam da cultura surda de forma espontânea. Busquei selecionar *youtubers* cujos conteúdos, ao serem trazidos para o cotidiano da escola, produzem mais que um vídeo postado e divulgado. A seguir, uma pequena descrição dos canais e seus *youtubers*.

<sup>12</sup> Dados de junho de 2020.

### 3.2.1 Canal Visurdo

É único canal do estado Rio Grande do Sul, tem mais de 181 mil inscritos e é produzido por dois irmãos surdos de Caxias do Sul. Em junho de 2019, os irmãos surdos Andrei e Tainá ganharam a placa de prata do YouTube pelos 100 mil inscritos. Essa conquista é inédita no Brasil: eles são os primeiros surdos a ganhar o prêmio nessa categoria. Os irmãos Andrei e Tainá são filhos de pais ouvintes que sabem Libras. A mãe deles é intérprete de Libras, e o pai usuário de Libras fluente. Os irmãos estudaram na Escola Helen Keller; eles não precisaram da escola regular para saberem escrever bem: têm ótima escrita na Língua Portuguesa, sua segunda língua.

O primeiro material produzido pelo canal foi o Venha conhecer o Eco Aventuras – Três Coroas/RS<sup>13</sup>. Nesse vídeo, Andrei convida os surdos para participar do esporte conhecido como *Rafting*. O segundo vídeo com o tema esportes faz um convite aos espectadores a conhecer um parque ecológico: Venha conhecer o Parque Gasper – Bento Gonçalves/RS<sup>14</sup>. Nessa postagem, os irmãos mostram outro esporte radical: o *Bungee Jump*.

Na sequência, apresento um pouco da transcrição da conversa com Andrei e Tainá.

Perguntei a eles sobre os convites que fizeram aos surdos para participar dos esportes radicais apresentados no canal. Citando a entrevista: quais são os objetivos para o canal do YouTube?

**Andrei:** *Porque eu queria mostrar aos surdos que eles não têm limites de viver, sempre disseram que os surdos não são avançados e não podem participar. Sempre via que somente ouvintes participavam dos esportes radicais Rafting e Bungee Jump. Então, eu convidei a comunidade surda para participar e mostrar que são capazes. Na agência do parque, o instrutor ouvinte ficou muito interessado e se comprometeu a aprender Libras para se comunicar em sinais básicos com os surdos, para poder ensinar aos surdos os processos desses esportes. O instrutor desses esportes participou também na gravação de vídeo para o canal de YouTube e ficou muito contente em ter experiência com a comunidade surda. Ao apresentar esses vídeos, podemos mostrar que os surdos podem vencer o medo nos esportes radicais, assim como as pessoas ouvintes. Fico muito contente ao ver muitos surdos que aceitam participar dessas aventuras e ter diversão. Agradeço a todos que aceitam e participam conosco, com confiança. A irmã Tainá complementa: Também há pessoas que pensam que os surdos não podem participar nos esportes radicais porque não ouvem. É isso que fazemos para mostrar. Dar uma visibilidade maior.*

<sup>13</sup> Disponível em: <https://www.YouTube.com/watch?v=ulRg62NouBs>. Acesso em: 10 fev. 2021.

<sup>14</sup> Disponível em: <https://www.YouTube.com/watch?v=W-mZdE2dA04>. Acesso em: 10 fev. 2021.



Figura 7 – Canal Visurdo, dos irmãos surdos Andrei e Taína Borges, de Caxias do Sul/RS



Fonte: Canal Visurdo (2020).

Os comentários dos irmãos provocam, na comunidade em geral, uma compreensão de que os surdos podem participar em tudo, normalmente. A falta de audição não é um empecilho para a vida dos surdos. O vídeo também é uma motivação aos surdos com baixa autoestima e pouca confiança em si mesmos: os irmãos estimularam os surdos a confiarem que são capazes de participar desses esportes radicais.

O terceiro vídeo produzido por Tainá no canal alcançou 36 mil visualizações em apenas uma semana e está intitulado como *Contando meu segredo...*<sup>15</sup>. A partir do conteúdo desse vídeo, perguntei como foi ter um grande número de acesso em poucos dias.

**Tainá:** *Muitas pessoas surdas e ouvintes me procuraram e eu não esperava tantas manifestações depois do vídeo. Eu havia pensado que seriam poucas pessoas com interesse do meu vídeo sobre depressão. Me mandaram muitas mensagens. As mensagens eram: “Você é minha inspiração!”, “Por favor, você continua fazendo vídeos, você é muito importante pra mim!”. Eu pensava que era só a família que apoiava. Mas não, todo mundo quer que eu continue fazendo vídeos com as mensagens positivas para as pessoas: “Como você fez vídeo maravilhoso, porque me ajudou a aprender Libras, aprendi por causa de você!”. Eu comecei a perceber que sou importante também! Muitas pessoas me ajudaram muito. Crio vídeo para ajudar e receber a ajuda também.*

O irmão **Andrei** complementa: *Eu percebi que muitos surdos passam por momentos de depressão e ficam quietos para ninguém perceber a depressão. A gente não sabia nada. Aí, um dia, a Tainá fez vídeo sobre depressão, e os surdos começaram a procurar a Tainá. Ficamos chocados com o número das pessoas que passam por depressão e conhecer os surdos que tem depressão escondido. Daí, eu e Tainá conversamos e vimos que é muito importante fazer os desabafos. Melhor fazer vídeo para salvar os outros antes do que depois, e arrepende. Ajuda muito os outros, principalmente surdos, porque tem muitos psicólogos*

<sup>15</sup> Disponível em: [https://www.YouTube.com/watch?v=1Okg8K\\_Dwxk](https://www.YouTube.com/watch?v=1Okg8K_Dwxk). Acesso em: 10 fev. 2021.

que não se comunicam em Libras. Por isso, vídeo em Libras ajuda bastante. Muito raro ter isso em Libras e há muito suicídios de surdos.

Figura 8 – Canal Visurdo, vídeo em que Tainá aborda a depressão que está tendo e quer ajudar



Fonte: Canal Visurdo (2020).

Esse conteúdo sobre depressão realmente é muito importante para a comunidade surda. Há vários tratamentos para transtornos psicológicos ou qualquer outra doença para ouvintes, mas falta acessibilidade aos surdos, e os profissionais da área de saúde que saibam Libras são raros aqui no Brasil. O vídeo da *youtuber* Tainá chamou atenção de psicólogos, reforçando a necessidade de oferecer acessibilidade linguística na área de saúde.

### 3.2.2 Canal Apenas Amor

*Youtuber* Coda<sup>16</sup>, Melissa é filha ouvinte de pais surdos e tem um irmão ouvinte. Criou o canal chamado de Apenas Amor Melissa – Coda<sup>17</sup>. O referido canal tem por objetivo mostrar que só o amor pode resolver as coisas e é emocionante ter pais surdos. O canal foi criado para falar como é a vida da menina como filha ouvinte de pais surdos. Melissa sente-se incomodada com as perguntas de algumas pessoas. Por exemplo: como é possível estar ainda viva tendo pais que surdos? Quer dizer que os pais surdos não sabem cuidar dos filhos?

<sup>16</sup> Coda (*Child of Deaf Adults*), filhos ouvintes de pais surdos.

<sup>17</sup> Disponível em: <https://www.YouTube.com/watch?v=CaVik3zLgF4&t=379s>. Acesso em: 10 fev. 2021.

**Melissa:** *Quando eu era pequena, as pessoas me perguntaram porque eu estou ainda viva se tenho meus pais surdos: como eu comia, tomava banho? Seus pais surdos fazem comida lá em casa? Então, eu vou mostrar como é a minha vida. E ainda aconteciam as perguntas com curiosidades. Na verdade, é normal essa minha vida. Meus pais me deram amor igual às famílias ouvintes. Por isso, quis mostrar que nós somos iguais aos ouvintes. Porque é assim que estou falando. É engraçado, não sentia que meus pais não ouviam, porque nasci com pais surdos. E as pessoas ouvintes me perguntaram: “Estranho”. Falavam-me que se sentiam emocionados e choravam porque meus pais são surdos. Uai, o que é isso? Meus pais são muito especiais para mim. Eles dois são muito divertidos, engraçados; minha mãe dança e adora ir comigo para aula de dança. Meu pai gritava e fazia muita piada, e brigava comigo também, como qualquer pai que quer o bem dos filhos. Mostrei isso no canal, o meu objetivo de mostrar para vocês que minha vida é boa e normal igual a dos outros.*

Figura 9 – Canal Apenas Amor, de Melissa – São Paulo/SP



Fonte: Canal Apenas Amor (2020).

### 3.2.3 Canal É Libras

É um canal de dois *youtubers*: um surdo e uma ouvinte, Bruno e Flávia. Só a Flávia esteve presente no Festival de Cinema de Gramado. Então, não tive oportunidade de entrevistar o Bruno. A ouvinte Flávia só utiliza Libras nos vídeos do canal. A Flávia é cadeirante e tem objetivo de passar segurança às pessoas que usam cadeiras de rodas. Em um dos vídeos, ela explica porque usa o termo cadeirante no canal<sup>18</sup>.

Depois de assistir o vídeo sobre o uso de cadeira de rodas, perguntei a ela: “Muito legal você expor sobre ser cadeirante; então, já apareceram alguns surdos cadeirantes de rodas para conversar contigo?”

<sup>18</sup> Disponível em: <https://www.YouTube.com/watch?v=x7uAbJW2B6Q>. Acesso em: 10 fev. 2021.

**Flávia:** *Sim, já, muitos surdos cadeirantes me procuraram. Uns três surdos cadeirantes, com paralisia cerebral. Quando me procuraram e conversaram comigo, queremos mais visibilidade e sentirmos igual, um conforto. Eu faço foto sozinha para mostrar que não tenho vergonha da minha vida de cadeirante. Parece que os surdos me olham como o espelho deles; senti-me muito bem e sinto que passo o poder para eles. Percebi que ajudei muito eles e também eles me ajudam! Uma troca de ajudas! Sinto que ajudo menos do que outros que me ajudam. Como hoje, no festival, todos vem para conversar comigo em diversos assuntos. E não sobre minha cadeira de rodas, mas sobre minha pessoa, e sinto muito bem isso. Sinto bem quando a comunidade surda tem cadeirante como eu; e uso Libras também, assim que tem conexão/união muito.*

Figura 10 – Canal É Libras – São Paulo/SP



Fonte: Canal É Libras (2020).

Certamente, a Flávia empodera os seguidores com o uso da cadeira. Ela não tem força nas pernas e precisa se esforçar muito para caminhar. Quem a motivou a usar a cadeira de rodas foi o Bruno, seu amigo surdo. Conheceram-se na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e fizeram o canal juntos. Hoje, a Flávia usa cadeiras de rodas tranquilamente e com confiança. É isso ela deseja passar ao público. O canal deles é em Libras e tem vídeos com vários temas, não só sobre a vida cadeirante.

### 3.2.4 Canal Léo Viturinno

O *youtuber* Leonardo Viturinno é professor universitário e criador do canal de YouTube Léo Viturinno<sup>19</sup>. Ele produz vários vídeos temáticos relacionados aos surdos, com destaque

<sup>19</sup> Disponível em: [https://www.YouTube.com/channel/UCR\\_-CWbo1ZhNsQLyzKJL7DA](https://www.YouTube.com/channel/UCR_-CWbo1ZhNsQLyzKJL7DA). Acesso em: 10 fev. 2021.

para a temática da sexualidade, ampliando informações sobre esse tema aos surdos. Assisti vídeos bem interessantes produzidos pelo Léo sobre os Sinais de LGBTQ+, a Sexualidade Humana, o Sair do Armário e Orientação Sexual. Os três vídeos são bem elaborados e ajudam muito a esclarecer os temas.

Eu fiz uma pergunta a ele sobre o vídeo Sair do armário: “quando postou esse conteúdo no canal, o que aconteceu? Os surdos te procuraram?”.

**Leandro:** *Já me procuraram e conversaram comigo em particular. Não era sobre como descobrir ser gay, e sim sobre os problemas da família. Eu explico como compreender os momentos, porque tenho experiência e empatia (par surdo). Por isso, antes de “sair do armário”, eu tinha medo de assumir, porque vi muitos surdos gays sofrerem no contexto da família. Quando eu comecei a receber as informações em Libras, comecei a ficar confiante. Minha família é boa e consegui assumir. Os outros não: eu conseguia conversar e explicar, para alguns conseguirem se comunicar com a família. Porque, sabe, a maioria de pais não compreendem filho gay. Eu faço os vídeos só com meus conhecimentos. Mostro os vídeos onde peguei as informações para surdos e ouvintes.*

**Andrei,** do canal Visurdo, complementa: *Quando eu não conhecia sobre LGBTQ, eu aproveitei a assistir os vídeos do Léo. Assisti, me deu muita clareza e abriu minha cabeça. Eu não sabia que não era só “gay”: tem várias orientações sexuais, deficiências, raças e etc. Abri cabeça a entender as diferenças. O mais importante é aprender a respeitar os outros.*

Figura 11 – Canal Léo Viturinho



Fonte: Canal Léo Viturinho (2020).

Nesse ponto, vale destacar que, pelo mundo, 90% dos surdos são filhos de ouvintes. Com isso, os surdos acabam não tendo uma comunicação esclarecedora com a família. Digo isso porque são bem poucos os pais ouvintes que sabem Língua de Sinais para se comunicarem com os filhos surdos. Por isso, muitos surdos não têm grande acesso aos temas como sexualidade, drogas, doenças, entre outros do contexto familiar. Nesse sentido, vejo o quanto os *youtubers* bilíngues e os conteúdos de seus canais assumem importância na divulgação dessas temáticas e demais informações necessárias para a vida das pessoas surdas.

### 3.2.5 Canal Beto Castejon

O *youtuber* Roberto administra o canal conhecido como Beto Castejon e foi muito chamado pelos fãs para fotos durante o encontro da campanha da “Legenda Nacional em Gramado”, junto do Festival de Cinema de Gramado, em agosto de 2019. Os fãs disseram que aprendem muito com o que ele conta no seu canal, com base em seus estudos sobre História. Na ocasião do encontro, conversei com ele sobre os vídeos que assisti no seu canal cujos conteúdos eram: *Os Primeiros Astronautas*<sup>20</sup>, *Quem é o Pai da Aviação?*<sup>21</sup> e *História Terrível de Adolf Hitler*<sup>22</sup>. Esse último vídeo recebeu dez mil visualizações em quatro semanas.

Perguntei para ele: “Por que é importante a publicação dos seus vídeos?”.

**Roberto:** *Meu objetivo tem uma história longa. Porque eu estudava na escola inclusiva, gostava muito das disciplinas História e Geografia. Eu tinha intérprete de Libras na sala de aula, só que falhava, às vezes, em Libras. E eu estudava sozinho em Português, que era muito difícil. Agora tem facilidade de pegar informações através da tecnologia, assim como acessar internet no computador, celular, tablet e outros dispositivos, que também têm vídeos prontos para visualizar (visual). Aprendi muito os conteúdos e queria trocar assuntos com surdos, só que não conheciam os conteúdos. Com isso, eu decidi fazer vídeos com essas informações em Libras no meu canal de YouTube, para surdos poderem conhecer os conteúdos. Muitos gostaram dos meus vídeos, eu gosto de ser youtuber e acredito que isso ajuda e cresce muito a eles e a mim. Acho muito importante os surdos saberem das histórias, porque essas histórias tem um contexto com nossa vida. É uma política! Por isso os meus vídeos têm muitas visualizações. Chegam com muitas perguntas para mim e sempre querem saber de onde veio, e como é o final, porque parou a história? Como morreu? Muitos curiosos que querem saber histórias completas. Percebi que maioria de surdos gostam muito disso. Quero compartilhar informações para todos!*

<sup>20</sup> Disponível em: <https://www.YouTube.com/watch?v=eVwVxcF3HA8>. Acesso em: 10 fev. 2021.

<sup>21</sup> Disponível em: [https://www.YouTube.com/watch?v=\\_AmgovZokWM&t=373s](https://www.YouTube.com/watch?v=_AmgovZokWM&t=373s). Acesso em: 10 fev. 2021.

<sup>22</sup> Disponível em: <https://www.YouTube.com/watch?v=oP1SMGSsLPc&t=223s>. Acesso em: 10 fev. 2021.



Figura 12 – Canal Beto Castejon – Goiânia/GO



Fonte: Canal Beto Castejon (2020).

Entendo que os materiais produzidos pelos canais dos *youtubers*, por serem bilíngues (sinalizados e legendados), permitem o acesso a todos, o que contribui para troca de informações entre os telespectadores. Essa acessibilidade ainda faz com que muito surdos possam ter acesso a uma gama maior de conteúdos, possibilitando que a comunidade surda possa ter mais elementos para fazer suas escolhas de vida. Pude perceber, pelas conversas com os *youtubers*, que há uma demanda grande de temas, que os telespectadores surdos ficam curiosos e querem sempre mais vídeos novos.

### 3.3 A MATERIALIDADE DA PESQUISA E SEUS DESDOBRAMENTOS

A materialidade que permitiu produzir esse estudo foi composta por:

- a) Cinco canais de YouTube;
- b) Seis sujeitos *youtubers* bilíngues;
- c) Três alunos surdos e três professores de uma escola de surdos de Caxias do Sul, sendo duas professoras surdas e uma ouvinte.

Diante desse conjunto de dados produzidos pelas narrativas, muitos elementos discursivos, em termos de recorrências e singularidades, se desprenderam e me ajudaram a construir as categorias de análise do estudo. Alguns destaques dessa materialidade chamam atenção. Um deles foram as respostas dos alunos surdos sobre o canal É Libras: os estudantes não perceberam que a Flávia é ouvinte. Junto com Bruno, que é surdo, ela também comanda o

canal. É interessante os alunos falarem que assistem o canal É Libras e destacarem os surdos Flávia e Bruno. Ali, percebi que eles não notaram que a Flávia é ouvinte. Observa-se o quanto é bom sentir o conforto linguístico produzido pelos vídeos em Libras. Isso é ser bilíngue, digo, *youtuber* bilíngue.

Os comentários do alun@2 me mostram que está mais interessado em vídeos didáticos. Ele assiste o canal do Roberto Castejon, que tem vários vídeos educativos, entre eles as histórias reais do mundo. Recentemente, o aluno menciona que assistiu a história sobre a Segunda Guerra. Os três alunos entrevistados preferem os *youtubers* surdos aos ouvintes. Na verdade, eles não perceberam que a Flávia Lima é ouvinte e bilíngue. Por isso, não importa se o *youtuber* é surdo ou ouvinte: o importante para os telespectadores é ter acesso aos conteúdos em Libras.

A seguir, apresento algumas recorrências presentes nas entrevistas narrativas dos alunos surdos, professores e *youtubers*, das quais se desprendem a análise empreendida nesse estudo.

### **3.3.1 Alunos Surdos**

Os alunos adoram os vídeos do canal do surdo Roberto Castejon, que faz vídeos de histórias reais, vivenciadas mundialmente, e suas curiosidades. Muitos surdos não sabiam das histórias e ficaram surpreendidos através da produtividade dos vídeos dele. Vale repetir que foi bem interessante notar que os alunos que eu entrevistei não notaram a Flávia, do canal É Libras, que é ouvinte. Isso mostra que eles não se importam com quem é surdo ou ouvinte, mas sim com o uso de Libras. Isso basta para eles.

A maioria dos alunos surdos que entrevistei ficaram inspirados com os *youtubers* bilíngues e felizes por ver que eles mesmos podem também fazer canais, produzir os vídeos. Muitos querem que os *youtubers* continuem produzindo os vídeos; a maioria dos surdos não conseguem compreender bem as leituras dos jornais e notícias e ficam aliviados ao receber informações em Libras pelos *youtubers*. Os surdos adoram conhecer várias culturas através dos vídeos dos *youtubers* e acabam entrando na área de interculturalidade. Os alunos ficam angustiados por falta de notícias em Libras e as famílias não colaboram.

### **3.3.2 Professoras Surdas e Ouvinte**

As narrativas das professoras podem ser encontradas na seção 3.1. As professoras que eu entrevistei, duas surdas e uma ouvinte, admitiram que os alunos aprendem muito com os vídeos dos canais que pesquisei para a dissertação. A professora ouvinte é fluente em Libras e



conhece bem os aspectos articulados com as pessoas surdas, como a cultura surda, a identidade surda e o povo surdo. Ela compreende a importância da subjetividade surda e os elementos culturais do povo surdo e traz isso para a organização da sua atividade didática em sala de aula.

As duas professoras surdas são fluentes em Libras. Porém, uma delas aprendeu Libras aos 35 anos, na escola, junto dos alunos surdos: em apenas três meses, já sabia muito bem a Libras. Chegou na escola por indicação da professora ouvinte (entrevistada nessa pesquisa), depois de muita procura por uma professora de Química. A professora nasceu surda e tem Libras como sua primeira língua.

Pude perceber, nas entrevistas, que as professoras usam os vídeos desses canais como material didático para suas aulas e que os alunos sempre estão mostrando para elas os vídeos novos que entraram nos canais. São os primeiros a se informar sobre os conteúdos e pedem para as professoras aprofundarem os assuntos e articulá-los aos conteúdos programáticos das disciplinas. As educadoras relataram que usam outros canais além dos canais dos *youtubers* bilíngues. Elas procuram estimular os alunos a criarem glossários pelo YouTube, mas, antes, discutem os significados e conceitos das palavras que vão ao glossário depois.

Uma professora surda lembra do dia em que foi publicado o vídeo da Tainá sobre depressão: os alunos ficaram perguntando muito sobre essa questão. A professora se sensibilizou com o tema, pois entendeu que os alunos estão na fase de adolescência, período de muitas inseguranças. Por isso, organizou algumas aulas cujo tema foi a depressão. Nelas, a discente pôde se aproximar mais das problemáticas dos alunos, haja vista que a maioria deles não consegue tratar desse tema em casa, pois os familiares não dominam a Língua de Sinais.

### **3.3.3 Youtubers Bilíngues**

As entrevistas que transcrevi dos *youtubers* no evento da Legenda Nacional, na cidade de Gramado/RS, foram apresentadas na seção “descrições dos canais”. Os *youtubers* relatam que estudam os temas antes de publicar, sempre pensando em ensinar os surdos e os ouvintes também. Quando aparece alguma barreira para pessoas surdas, os *youtubers* estudam e afirmam que estas não são barreiras, exatamente. Quando as empresas não oferecem acessibilidade, os *youtubers* rebatem e chamam atenção, ou seja, gritam. Só assim para mudar as coisas. Por exemplo, a Melissa, do Canal Apenas Amor, ficou muito indignada com as operadoras de telefonia, pois incomodavam seus pais surdos com ligações. Melissa tomou a iniciativa de fazer um vídeo, com megafone, avisando às empresas que não adianta ligar para os surdos: elas têm os nomes dos clientes e, nos cadastros, mostram que os consumidores são surdos.

Os *youtubers* percebem quais os assuntos que os surdos não sabem ou não entenderam e produzem vídeos para auxiliar a compreensão de determinado conteúdo. Além dos temas para surdos, eles também criam vídeos para ouvintes, com o intuito de fazê-los conhecer os surdos, a cultura surda, a Libras, entre outras coisas relacionadas à temática. Os *youtubers* ficam muito felizes com os elogios das pessoas; isso os faz continuar a produzir vídeos. Eles sabem o quanto fazem falta os atendimentos aos surdos nas terapias de Psicologia: a Tainá, do Visurdo, fez um vídeo que bombou nas redes sociais sobre a sua experiência de depressão e disse o quanto melhorou ao ser atendida por um psicológico ouvinte que é fluente em Libras. Isso com certeza provocou os outros profissionais de Psicologia sobre a necessidade de aprender Libras.

Diante da análise propiciada pela materialidade compilada por meio da análise dos canais dos *youtubers*, elejo para essa pesquisa duas categorias de análise: (a) uma que faz referência ao consumo e à circulação de práticas culturais como formas de empoderamento das comunidades surdas; (b) outra que mostra os efeitos dos conteúdos dos canais dos *youtubers* como artefatos pedagógicos nos processos de aprendizagem de alunos surdos, no contexto da escola de surdos. Essas duas categorias serão analisadas com mais profundidade nos capítulos 4 e 5 dessa dissertação.

### 3.4 ENCAMINHAMENTOS ÉTICOS DA PESQUISA

Em relação aos aspectos éticos da pesquisa, é relevante destacar que os procedimentos de coleta de dados foram norteados pelo respeito aos pretensos participantes, na sua liberdade em participar ou não da pesquisa (BRASIL, 2012). Dessa forma, o primeiro encaminhamento foi apresentar, na instituição escolar, um dos lócus da pesquisa, a intenção da mesma. Nesse momento, foram explicitados os objetivos do estudo, bem como seu compromisso ético, explícito na Carta de Apresentação de Pesquisa (ANEXO A) e na Autorização Institucional (ANEXO B). Também foi encaminhado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aos sujeitos participantes da pesquisa (ANEXO C). Uma vez verificada a possibilidade de participação no estudo, foi encaminhado o roteiro das entrevistas aos sujeitos selecionados.

#### **4 A CENTRALIDADE DA CULTURA NO CONTEXTO INVESTIGATIVO DA EDUCAÇÃO DE SURDOS: NEGOCIAÇÃO, HIBRIDISMO E INTERCULTURALIDADE**

Esta pesquisa se articula no campo dos Estudos Culturais em Educação, para entender a produtividade do conceito de cultura na Educação de Surdos. Para iniciar a discussão, assumo o entendimento de que os sujeitos surdos são produzidos, e produtores, do discurso cultural. Ou seja, somos sujeitos pertencentes à cultura visual, já que a Língua Brasileira de Sinais é uma língua visual-espacial. Nesse sentido, os surdos são entendidos como sujeitos da experiência visual que se expressam pela Língua de Sinais. Sobre experiências visuais, Larrosa (2002, p. 21) cita: “é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca”. Por isso, a vivência dos sujeitos surdos se dá nos momentos que passam, acontecem e os tocam. Dessa forma:

O surdo precisa se entender como tal, aprender a Língua de Sinais e se comunicar. E é somente através da visão que o surdo alcança esses objetivos. Assim, ele conseguirá significar o mundo em que vive, pois passa a entendê-lo através de seus olhos. Os sujeitos surdos interpretam as circunstâncias visualmente, através dessas experiências, que constroem com as coisas ao seu redor. (BATAGLIN, 2012, p. 23)

Os surdos produzem artefatos culturais que lhes são peculiaridades e que representam uma experiência visual diferenciada. Os artefatos da cultura surda, em se tratando da arte, principalmente na contemporaneidade, são representados em obras de arte, peças de teatro, literatura, pintura, fotografia, cinema e música. Os surdos exploram a visão nas produções artísticas, educacionais e culturais. A Educação de Surdos tem profunda articulação com a cultura surda; é necessário que os profissionais da área de Educação saibam explorar esse grande potencial cultural em atividades próprias para alunos surdos, sejam elas de Língua Portuguesa, Língua de Sinais ou de artefatos visuais, tais como, fotografia, filmes, teatro, visitas a museus, desenho, dentre outros.

As atividades artísticas e culturais estimulam a criatividade na confecção de material didático para alunos surdos. Os surdos empregam constantemente a referência visual no aprendizado. Enfim, é importante fazer uso de tudo que possa proporcionar uma aprendizagem educativa maior. Retomo, aqui, o depoimento de uma das professoras sobre isso:

**Professor@ 1:** *Os alunos surdos sempre comentam sobre os youtubers na sala de aula. No ano passado, falaram muito sobre o vídeo da Tainá sobre a depressão, do vídeo Contando o meu segredo... isso chocou muito os alunos, porque existe tabu para falar sobre depressão. Os alunos choraram quando assistiram. Depois trabalhamos sobre depressão.*

Os professores surdos e ouvintes precisam entender e compreender cada aluno surdo. É preciso mergulhar nas vivências dos alunos, na sua cultura, no seu ser e na sua experiência, para saber quais informações trazer ou qual material é o ideal no trabalho com eles. Não basta ser fluente na língua.

Dessa forma, se quero ensinar uma pessoa surda, não me basta ser fluente em Língua de Sinais e saber o conteúdo a ministrar: eu preciso estar atento a como ensinar. Não posso apenas me reter aos ensinamentos, narrando como isso aconteceu, ou usar recursos para mostrar como isso aconteceu. É necessário haver uma descrição contextual daquilo que se quer explicar; há uma grande diferença, na educação de alunos surdos, entre aquilo que o educador narra e mostra e aquilo que ele descreve como aconteceu. Isso se dá porque há uma infinidade de informações que pensamos estar prontas naquilo que se diz, o que é equívoco: essas informações passam despercebidas a nós e às pessoas surdas, porque elas não conhecem o que estamos ensinando, e não nos tocamos das informações que lhes faltam. (MARQUES, 2008, p. 115)

O tema da cultura surda é central a esse estudo e está filiado à perspectiva dos Estudos Culturais, por entender que as discussões que envolvem o campo da cultura requerem um olhar investigativo mais problematizado, menos essencialista e polarizado. É possível vislumbrarmos outras formas de produção de subjetividades surdas, de participação dos sujeitos surdos nas produções da contemporaneidade, aliadas às ferramentas culturais que extrapolam o cenário de uma essência de cultura surda centrada na Língua de Sinais. Por isso, o conceito de interculturalidade, como uma atitude, uma ação, uma posição política, se faz emergente nesse panorama atual, em que a educação bilíngue de surdos vem galgando outros espaços.

A cultura surda pode ser entendida como um recurso, ou seja, a partir da cultura abrem-se inúmeras possibilidades, pois usamos a cultura surda no cotidiano como artefatos visuais, mídias (fotos, vídeos, internet) e obras produzidas pelos sujeitos surdos. A cultura surda não é constituída só por pessoas surdas: os ouvintes também participam e se sentem em 'casa' na comunidade surda, por saber que a cultura surda possibilita trocas. A cultura surda está dentro de cada pessoa e não se resume somente a materiais. Cada um tem uma maneira de viver com a cultura surda e tem um olhar próprio, agindo de sua forma. Assim, essa cultura vai se fortalecendo. (DALL'ALBA, 2013, p. 75)

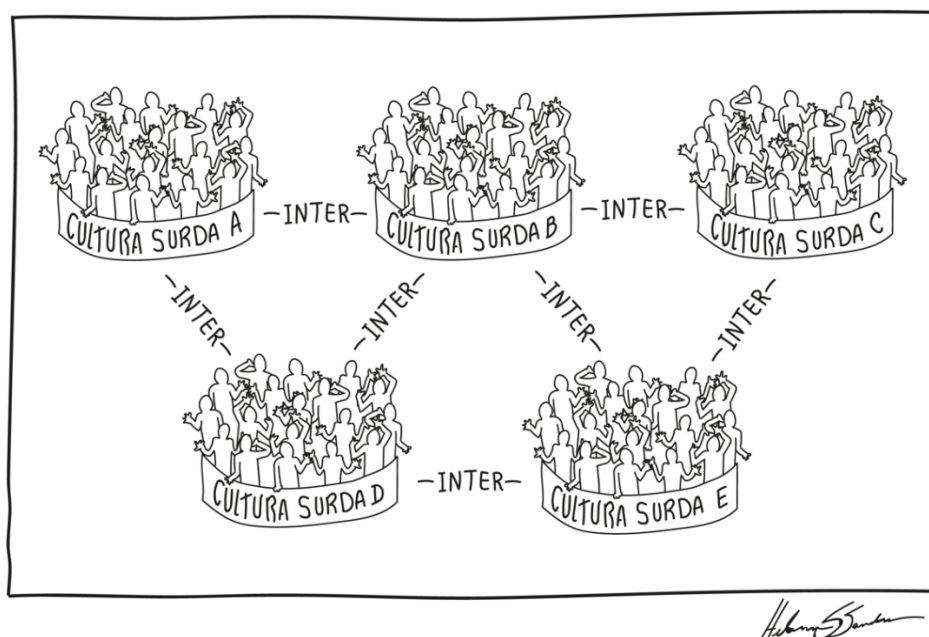
No cenário das escolas de surdos, hoje, a cultura surda ainda é um conceito bastante cristalizado, muitas vezes relacionado a um jeito único de ser surdo: identidade surda, literatura surda, arte surda, escola de surdos. Cristalizado porque as pessoas entendem a cultura surda

como estratégia de viver no mundo de ouvintes. Não é isso: a cultura surda depende da vivência do sujeito surdo e do momento.

Embora o termo *cultura surda* seja usado frequentemente, isso não significa que todas as pessoas surdas no mundo compartilhem a mesma cultura. Os surdos norte-americanos são membros da cultura surda norte-americana; os surdos britânicos são membros da cultura surda Britânica. Os surdos britânicos e os norte-americanos usam duas línguas diferentes, compartilham experiências diferentes e possuem diferentes bagagens históricas. No entanto, há alguns valores que tanto os surdos norte-americanos como os britânicos compartilham, pelo simples fato de que existe ao menos uma experiência que une a ambos: todos são pessoas surdas vivendo em uma sociedade dominada pelos ouvintes. (WILCOX; WILCOX, 2005, p. 93)

Nesse movimento de problematização das formas como o conceito de cultura surda vem sendo produzido e consumido é que proponho olhar para esses modos de ser surdo na escola, a partir de outros deslocamentos culturais como, por exemplo, o que está sendo construído pelos *youtubers* surdos. Este possui novos endereçamentos culturais, com outras possibilidades de pensar a circulação e consumo da cultura surda na escola.

Figura 13 – Interculturas surdas



Fonte: Elaborada pela autora (2020).

Essas questões de acesso aos vídeos dos *youtubers* bilíngues dão condições de informação e acessibilidade aos surdos durante encontros, associação ou eventos da comunidade surda. Quanto mais informadas, com mais acesso aos bens culturais, mais as pessoas surdas poderão estabelecer trocas e dialogar, haja vista a importância de um espaço linguístico favorável, capaz de dar aos sujeitos surdos condições de participação e equidade

social. Esclareço melhor sobre isso: quando os surdos assistem os vídeos dos *youtubers* bilíngues, no contexto da sala de aula, acabam discutindo os temas dos vídeos com outros surdos. Com isso, abre-se a possibilidade de interagirem com os conteúdos dos vídeos, ou seja, assistir essas materialidades faz parte da cultura, uma riqueza de cultura, não somente a cultura surda.

É impossível, na minha condição de surda, adentrar em um estudo que toma como centro as questões que envolvem o campo da Educação de Surdos, sem falar da cultura surda. A circulação das produções da cultura surda tem se expandido com o uso da tecnologia. Isso é visível com os inúmeros vídeos produzidos por surdos, exibidos em Libras, que mostram atividades desenvolvidas na escola, por exemplo. Entendo esse movimento como uma estratégia enfática de consumo de cultura surda na contemporaneidade. Acredito que, no momento em que o surdo se reconhece enquanto sujeito pertencente a uma língua e uma cultura, fortalece sua relação com o meio em que vive, produzindo formas mais saudáveis de convívio social. Para isso, destaco novamente a importância de as crianças surdas terem acesso a ambientes linguísticos e culturalmente ricos. Como afirma Dall’Alba (2013, p. 71):

As crianças surdas devem ter a oportunidade de usar a Língua de Sinais desde cedo e conhecer a riqueza dessa língua. Crianças surdas na mesma sala trazem muitos benefícios, como a aquisição de linguagem da primeira língua e uma educação adequada, com professores preparados para trabalhar com alunos surdos e professores surdos também.

Paddy Ladd (2013) trata da questão cultural para o sujeito surdo de maneira que não seja imposto ao sujeito surdo a cultura surda e os modos de ser surdo: esse processo deve ser natural para o sujeito. Alguém que nasce no Brasil, adquire a Língua Portuguesa, acessa informações na sua língua, interage socialmente em um percurso natural. O sujeito surdo, logo ao nascer, é enquadrado na deficiência (surdez), com características diferenciadas que necessitam de acessibilidade e, por vezes, medicalização. O fato é que, se o sujeito surdo for exposto a Libras desde o nascimento, terá as mesmas condições de um sujeito ouvinte para seu desenvolvimento social, cultural e cognitivo.

Veiga-Neto (2003) diz que a cultura não pode ser definida de um modo engessado, pois depende do contexto do indivíduo. Não se trata apenas de um espaço ter campainha luminosa, conversas pela *webcam* ou o modo visual para ser considerado parte da cultura surda. Alguns artefatos culturais mencionados não identificam a falta ou o prejuízo do sujeito surdo. A tecnologia e as estratégias postas impulsionam um modo de ser surdo, não pela questão assistencialista, mas pelo viés antropológico.

Assiste-se, atualmente, a um crescente interesse pelas questões culturais, seja nas esferas acadêmicas, seja nas esferas políticas ou da vida cotidiana. Em qualquer caso, parece crescer a centralidade, não significa, necessariamente, tomar a cultura como uma instância epistemologicamente superior às demais instâncias sociais – como a política, a econômica, a educacional; significa, sim, tomá-la como atravessando tudo aquilo que é do social. (VEIGA-NETO, 2003, p. 5)

Complementando com o autor Paddy Ladd (2013), a cultura surda é inerente à comunidade surda. Ao pensar nessa naturalização do conceito de cultura surda no cenário da formação de muitos surdos, reporto-me ao Curso de Letras/Libras, já mencionado nesse trabalho, pois ele é um elemento que representa muito os desejos da comunidade surda.

No cotidiano da escola de surdos, circulam muitos elementos culturais que colocam os alunos e professores em processo de negociação cultural e linguística. Os elementos culturais são os artefatos de artes, produções de vídeos e consumo de arte dos vídeos nas escolas, além do aprendizado. A cultura surda assume um papel de importância para os alunos surdos na escola: onde há profissionais especializados, que sabem Libras, os alunos têm oportunidade de registrar as narrativas, poesias, piadas e peças de teatro na internet, expandindo a circulação desses artefatos:

[...] a cultura tem assumido uma função de importância sem igual no que diz respeito à estrutura e à organização da sociedade moderna tardia, aos processos de desenvolvimento do meio ambiente global e à disposição de seus recursos econômicos e materiais. Os meios de produção, circulação e troca cultural, em particular, têm se expandido, através das tecnologias e da revolução da informação. Uma proporção ainda maior de recursos humanos, materiais e tecnológicos, no mundo inteiro, são direcionados diretamente para esses setores. (HALL, 1997, p. 17)

Nesse cenário contemporâneo de transformações culturais, é necessário que os espaços específicos das escolas de surdos se coloquem no movimento de hibridismos culturais (diversas culturas). Esses movimentos parecem significar que estamos nos aproximando de relações culturais mais negociáveis, por meio da noção da interculturalidade, pois geram uma troca de experiências e culturas.

Nossos estudos iniciais sobre educação intercultural baseiam-se no reconhecimento de diferentes culturas que convivem e interagem na sociedade. Mas problematizam a concepção de que a diversidade cultural se reduza ao binômio “culturas hegemônicas versus culturas subalternas”. Com efeito, o surgimento de novos movimentos sociais, com um entendimento da pertença planetária – articulados não só em termos de classes sociais ou grupos territoriais, mas de faixas etárias, de experiências, de instituições, de organizações produtivas –, evidencia a complexidade das relações entre culturas. (FLEURI, 2017, p. 103)

A escola é um espaço de interculturalidade na medida em que estimula áreas como História, Geografia e Língua Portuguesa. São momentos de interculturalidade, interações que envolvem práticas educativas, expansão do conhecimento a partir de momentos culturais. A aquisição do conhecimento possibilita a constituição da subjetividade e da identidade cultural.

A interculturalidade, na educação, aparece como uma proposta pedagógica que busca desenvolver relações de cooperação, respeito e aceitação entre diferentes culturas e sujeitos, visando, dessa forma, preservar as identidades culturais, com o objetivo de propiciar a troca de experiências e o enriquecimento mútuo. (ROMANI; RAJOBAC, 2011, p. 68)

Na escola bilíngue, ou escola para surdos, os sujeitos surdos relacionam-se fortemente com a questão cultural. Em uma escola regular, com alunos ouvintes, as relações se diferenciam. No caso de uma escola para surdos, são diversos sujeitos, de diferentes regiões, que frequentam uma escola bilíngue. São surdos que vêm de zonas rurais, outros com diferentes condições financeiras, outros, ainda, mais carentes, que moram em periferias, negros, com outras deficiências; enfim, pessoas que vêm de diferentes realidades, constituindo culturas distintas.

Na escola regular, as culturas surdas acabam se perdendo em relação à hegemonia da maioria ouvinte; as culturas não se aproximam: elas entram em uma disputa de poder, muitas vezes discriminatória. Claro que, na escola bilíngue, também entram em jogo as relações de poder que pautam as relações culturais.

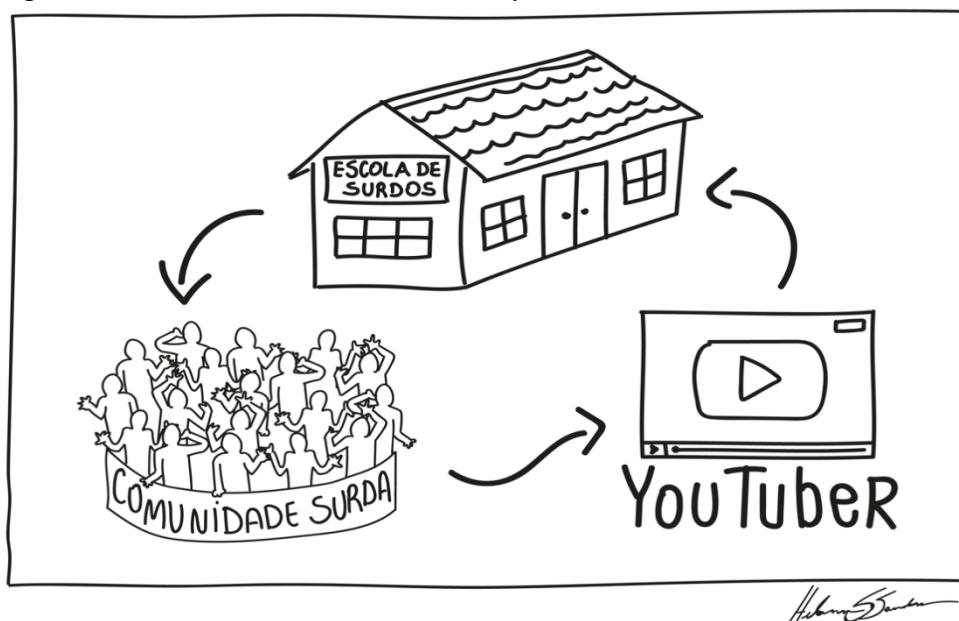
Em suma, os resultados deste processo integrado de pesquisa têm contribuído para explicitar relações e conflitos interculturais que vêm se desenvolvendo historicamente entre diferentes grupos e movimentos sociais no Brasil. De modo particular, a elaboração teórico-metodológica fornece subsídios tanto para a formulação de um referencial epistemológico quanto para a compreensão das relações interculturais, do ponto de vista étnico e de gerações, que se desenvolvem na escola e nos movimentos sociais. Os resultados oferecem subsídios para a formação de educadores e para a formulação de estratégias pedagógicas na perspectiva de uma educação intercultural, no campo da Educação Infantil, do Fundamental, da Educação de Adultos e da formação de professores e de educadores populares. (FLEURI, 2002, p. 416)

Nesse sentido, considero importante destacar a necessidade de compreender as relações interculturais no contexto da Educação de Surdos articuladas aos campos dos Estudos Surdos e dos Estudos Culturais em Educação, a fim de potencializar relações pedagógicas que possam se pautar em encontros interculturais.



## 5 ESCOLA, COMUNIDADE SURDA, *YOUTUBERS* E SEUS CONTEÚDOS

Figura 14 – Escola, comunidade surda e *youtuber*



Fonte: Elaborada pela autora (2020).

O presente capítulo pretende mostrar a relação que procurei estabelecer entre os canais do YouTube, a escola de surdos e a comunidade surda, articulados ao cenário educacional contemporâneo. Para isso, entendo como essenciais as noções de Pedagogia Cultural e interculturalidade.

A escola de surdos, retratada nessa imagem, quer representar uma escola preocupada com a produção do conhecimento e da aprendizagem, com as relações humanas e de compartilhamento que habitam esse espaço. Ademais, a ilustração pretende mostrar a importância dessa escola, ao se abrir para as diferentes possibilidades de trocas culturais e linguísticas, compartilhando informações e ampliando o repertório de todos que a frequentam, sejam professores ou alunos.

Nesse sentido, tomo os canais do YouTube como uma importante estratégia de circulação e consumo de informações culturais, políticas e educacionais: conhecimentos da vida diária voltados para as pessoas surdas. Esses canais vêm ocupando um espaço importante na vida dos surdos: é comum vermos membros da comunidade surda, principalmente usuários em Libras, fazendo vídeos contendo informações de sua vida diária em Libras, para canais do YouTube. Com isso, compartilham-se aprendizagens, desejos, afetos, elementos visuais, linguísticos e culturais, ou seja, conhecimento. Conforme Silva (2009, p. 152-153),

A informação se torna um instrumento político, assim como seu espaço de veiculação [...]. Informação e política, informação e poder e informação e identidade são combinações que instrumentalizam a sociedade em rede.

Nessa tentativa de pensar essas ações interculturais no cotidiano da vida dos sujeitos surdos, reporto-me a um vídeo do canal do YouTube intitulado Diário da Fiorella<sup>23</sup>. Nesse canal, Fiorella, uma menina surda de quatro anos, pediu aos seus pais, também surdos, para usar aparelhos auditivos. Os pais surdos ficaram impressionados com o pedido da filha, já que vivem em um ambiente familiar totalmente de pessoas surdas; a irmã da Fiorella tem dois anos e também é surda. É um ambiente rico na Língua de Sinais. Os pais providenciaram os aparelhos para a filha, respeitando seu desejo.

Trago esse exemplo para pensar o quanto essas relações entre o que pertence ao mundo surdo e o que pertence ao mundo ouvinte, de forma tão especializada e polarizada, precisam ser problematizadas. A atitude dos pais da Fiorella demonstra as possibilidades de convivência, negociação e interculturalidade entre esses dois mundos: o mundo surdo e o mundo ouvinte. É importante deixar claro que cada surdo é um sujeito único. Configura-se, assim, a surdez pós-moderna, pois cada surdo é um surdo, não há surdos iguais aos outros. Todos os surdos têm sua forma de ser surdo na contemporaneidade.

Por que estou falando disso aqui? Porque, certamente, os vídeos dos *youtubers* provocam a sociedade com temáticas relacionadas à comunidade surda e ajudam a quebrar tabus. Como exemplos, podemos citar os surdos com aparelhos, os surdos que gostam de música, entre outras representações. Os vídeos dos *youtubers* são estratégias de interculturalidade: eles circulam e levam as informações às escolas; os alunos levam os vídeos aos professores, e vice-versa. Outro exemplo é o vídeo do *youtuber* surdo Gabriel Isacc com a cantora Anitta, no carnaval deste ano: o tema não é exatamente compatível para escola, mas acaba se articulando com o ambiente de alguma forma, porque a cultura surda e a Libras estão presentes no vídeo. Esse material traz conteúdo de lazer e de dança, leva os surdos a entender que eles podem ter acesso à música, se gostarem dela. O Gabriel Isacc traduziu, no seu canal, algumas músicas da Anitta, do Português para Libras, e ganhou *likes* da cantora famosa do Brasil, sendo convidado ao seu camarote no carnaval de 2019.

Os materiais disponibilizados nesses canais dos *youtubers* se constituem como artefatos pedagógicos, modos de ensinar, aquilo que nos Estudos Culturais é denominado como Pedagogia Cultural.

---

<sup>23</sup> Disponível em: <https://www.YouTube.com/channel/UC9g1xELVb53CLrS53UF4kuw/videosPo>. Acesso em: 10 fev. 2021.

Outra vertente de estudos tem sido aquela compreendida pela expressão “Pedagogia Cultural”, a qual, conforme Steinberg e Kincheloe (2001, p. 14), inclui “áreas pedagógicas” entendidas como “aqueles lugares onde o poder é organizado e difundido, incluindo-se bibliotecas, TV, cinemas, jornais, revistas, brinquedos, propagandas, videogames, livros, esportes etc.”. Com base nesse entendimento, têm sido investigados tanto variados veículos da mídia jornalística impressa e televisiva, contemplando não só matérias “informativas”, mas também peças publicitárias, quanto produtos de entretenimento, tais como filmes, desenhos animados, seriados de TV; neles, tem se buscado esquadrihar seus “ensinamentos”, pertencentes a uma gama também muito variada, valendo-se daqueles referentes à própria educação (escola, “progresso”, professora, aluno, etc.) e se espalhando para outros campos, como as lições sobre o bem e o mal, sobre o que é ser mulher, sobre o que é ser índio, sobre o que é a nação, sobre o que é natureza, sobre a tecnologia, sobre o nosso corpo, sobre a genética, sobre como nossa relação com os animais nos constitui “humanos”, etc. Nessas lições, frequentemente, se estabelece o normal e, concomitantemente, o desviante; o “progressista”, sinalizando para o “antiquado”; o certo, sinalizando para o errado, em um panorama que, marcado pelas questões culturais, é naturalizado e mostrado como “moderno”, “atual”, “biologicamente condicionado”, “estando na ordem das coisas”. (COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2003, p. 56)

A partir dos vídeos dos *youtubers*, os professores acabam tendo mais elementos e informações para tratar das temáticas contemporâneas no contexto escolar. A qualidade de vida dos surdos melhora e a vivência fica mais leve, já que os surdos que assistem aos vídeos dos *youtubers* acabam sendo influenciados de alguma forma, uma vez que os vídeos são em Libras, acessíveis. Como exemplo, podemos citar o *youtuber* Léo Viturino, da Bahia, que faz vários vídeos relacionados à comunidade LGBT, colaborando, com informações, com os surdos homossexuais e incentivando-os a se aceitarem e viver abertamente, não ter vergonha da própria sexualidade e ser feliz.

Penso ser importante marcar que não estou propondo uma substituição das formas de produção do conhecimento escolar que se dá a partir da leitura dos materiais impressos, ou até mesmo televisionados, por vídeos produzidos nos canais dos *youtubers*. O que me motiva é mostrar a potência desses materiais, dos canais citados e suas inúmeras articulações com o trabalho pedagógico, ampliando os significados que circulam e são consumidos no contexto escolar como cultura surda. Atento-me, portanto, para os diferentes modos de ser surdo na contemporaneidade.

Recebo relatos de que o documentário já citado nesse projeto, *Inclusão, Educação Ideal?*, ajudou muitas pessoas a olhar a escola para alunos surdos. Os ouvintes confessam que o documentário os ajudou a entender melhor qual escola o surdo almeja, uma vez que o material mostra a realidade da vida escolar dos alunos surdos nas escolas regulares e nas escolas de surdos. São vários artigos, livros e pesquisas que tomam como central a discussão acerca dos espaços educacionais das pessoas surdas. Ouso dizer que o documentário produzido se inscreve nesse rol de publicações. Posso intuir, a partir dessa pesquisa, que é possível, por meio dos

conteúdos dos canais do YouTube, os professores fazerem escolhas didáticas mais visuais para o processo de aprendizagem dos alunos surdos no contexto da escola.

### 5.1 MATERIAIS DOS YOUTUBERS: EMPODERAMENTO DE PRÁTICAS CULTURAIS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO DE SURDOS

A intensa produção de conteúdo em Língua de Sinais elaborados por *youtubers* bilíngues brasileiros potencializou o enredo dessa pesquisa, no sentido de pensar as formas de circulação e consumo dessas práticas culturais no contexto da Educação de Surdos. Os vídeos produzidos pelos surdos, colocados nos canais de *youtubers*, são importantes recursos ao processo de aprendizagem dos alunos surdos de escolas de surdos, e aos professores também. Hoje, tudo circula nas redes sociais com significativa rapidez e, muitas vezes, podem ser suportes importantes para a área de Educação de Surdos. Muitos vídeos estão circulando nas redes sociais com uma comunicação bastante clara, porque são feitos em Libras e sempre pensados nos sujeitos surdos. Os vídeos são editados com muita visualidade e informações objetivas, com o intuito de promover uma compreensão maior dos espectadores surdos e dos ouvintes que sabem Libras. Os vídeos, além de serem em Libras, possuem legendas em Língua Portuguesa e Libras, sendo, assim, bilíngues.

Quer dizer, somos também educados por imagens, filmes, textos escritos, pela propaganda, pelas charges, pelos jornais e pela televisão, seja onde for que esses artefatos se exponham. Particulares visões de mundo, de gênero, de sexualidade, de cidadania entram em nossas vidas diariamente. É a isto que nos referimos quando usamos as expressões currículo cultural e pedagogia da mídia. Currículo cultural diz respeito às representações de mundo, de sociedade, do eu, que a mídia e outras maquinarias produzem e colocam em circulação, o conjunto de saberes, valores, formas de ver e de conhecer que estão sendo ensinados por elas. Pedagogia da mídia refere-se à prática cultural que vem sendo problematizada para ressaltar essa dimensão formativa dos artefatos de comunicação e informação na vida contemporânea, com efeitos na política cultural que ultrapassam e/ou produzem as barreiras de classe, gênero sexual, modo de vida, etnia e tantas outras. (COSTA, SILVEIRA, SOMMER, 2003, p. 57)

As redes sociais têm o poder de informação para todo mundo, mas possuem um papel especial para os surdos, porque eles são sujeitos da experiência visual. Nas redes sociais, circulam milhares de vídeos, imagens, entre outros artefatos visuais que aprimoram a informação e o conhecimento. Hoje, podemos encontrar inúmeros vídeos dos *youtubers* bilíngues.

A cada dia, aumenta o número de realizadores surdos que lançam os seus vídeos na internet ou em salas de exibição. Com a facilidade de aquisição e manutenção de equipamentos de filmagem, bem como a simplificação dos processos de edição e distribuição, muitos novos diretores passam a promover as suas produções amadoras (feitas com amigos, vizinhos, parentes, etc.) por diferentes meios – alguns tornando-se bastante populares. Às margens do universo filmico profissional, muitos jovens diretores – com suas gravações mambembes – já contam com um grande número de espectadores cativos. (NAKAGAWA, 2012, p. 82)

São vários *youtubers* que utilizam a Libras e outras Línguas de Sinais. Tudo isso envolve a cultura e vai ao encontro da interculturalidade. Vale reforçar, sobre o YouTube, com as palavras do autor surdo:

O YouTube configura uma rede de troca de vídeos que possibilitou uma abertura de novos caminhos na divulgação da Língua de Sinais, sendo uma maneira de registrar produções como piadas, histórias, saberes de comunidades, que sempre viu o registro escrito como uma séria limitação. A criação de uma *coleção* de artefatos via rede mundial de computadores configura um importante passo para políticas culturais pautadas na efetiva participação dos surdos em um mundo globalizado, de trocas culturais intensas. Não há dúvida de que os surdos sempre estiveram, de uma forma ou de outra, inseridos em culturas, produzindo, contando, criando. Mas o que o advento das tecnologias de registro e de comunicação proporcionou foi a visualização de produções dos próprios surdos, em Língua de Sinais, em comunidade, como um verdadeiro *big bang* de matérias de onde se possa guardar o valor de tais produções como uma vela que não se apaga. (SCHALLENERGER, 2011, p. 114)

Um dado importante, ao olhar o material dos *youtubers*, é que não se aprende Libras e as demais informações que circundam o mundo das pessoas surdas somente na escola de surdos. São muitos surdos que estudam nas escolas de ouvintes e não tem oportunidade de ter contato com seus pares. Os vídeos no YouTube podem colaborar com a ampliação de conhecimentos desses alunos surdos. São novas relações de cultura e interculturalidade: os sujeitos surdos estão alcançando um maior consumo de Libras nas redes sociais. Aproveito esse espaço para trazer uma pequena parte do depoimento que o *youtuber* surdo Roberto Castejon deu no evento da campanha Legenda para quem não ouve, mas se emociona, que aconteceu juntamente ao Festival de Cinema de Gramado, em 2019.

**Roberto Castejon:** *Meu objetivo tem uma história longa. Porque eu estudava na escola inclusiva, gostava muito das disciplinas História e Geografia. Eu tinha intérprete de Libras na sala de aula, só que falhava, às vezes, em Libras, e eu estudava sozinho em Português, que era muito difícil. Agora, tem facilidade de pegar informações através da tecnologia, assim como acessar internet no computador, celular, tablet e outros dispositivos, que também têm vídeos prontos para visualizar (visual). Aprendi muito os conteúdos e queria trocar assuntos com surdos, só que não conheciam os conteúdos. Com isso, eu decidi fazer vídeos com essas informações, em Libras, no meu canal de YouTube, para surdos poderem conhecer os conteúdos. Muitos gostaram dos meus vídeos. Eu gosto de ser youtuber e acredito que isso ajuda e cresce muito a eles e a mim.*

Hoje, podemos ver que muitos surdos possuem aparelhos como celular, computador, tablet, entre outros instrumentos que os ajudam a se encontrar, assistindo as produções em Libras feitas por pessoas surdas como eles. Durante esse processo, então, ocorre uma identificação. A internet certamente impulsionou a vida dos surdos, com maiores informações, por conta da acessibilidade. Assim como reforçam Festa, Guarinello e Berberian (2013, p. 8):

Tendo em vista que a internet se apresenta como um caminho possível para que os surdos se comuniquem, troquem ideias, façam parte de comunidades virtuais, e que o YouTube é uma nova possibilidade para circulação de discursos realizadores pela Língua de Sinais, esse trabalho visa analisar os discursos produzidos por surdos brasileiros no YouTube a respeito da surdez.

Vale ressaltar que, quando me refiro a Libras, aos surdos, à cultura surda, à identidade surda, estou relacionando essas noções a todos os produtos elaborados por diferentes *youtubers* que transitam pelo campo da Educação de Surdos. Ou seja, são vários tutoriais no YouTube produzidos pelas pessoas surdas e ouvintes. Estamos vivendo tempos híbridos, onde os conhecimentos se mesclam, sendo impossível separar o que compete exclusivamente à escola ou à sociedade em geral. Aqui, em especial, falamos daquilo que é produzido nos materiais dos *youtubers*.

O YouTube assume um espaço significativo para a comunidade surda não só na circulação e no consumo, mas também como registro cultural desse povo. Torna-se, desse modo, um lugar de arquivamento em que os surdos podem produzir enunciados e registrar-se historicamente em um tempo/espaço. (PINHEIRO, 2011, p. 32)

Além dos vídeos do YouTube, também existem vários cursos *online* dedicados aos surdos: cursos de Informática, de Educação Financeira, de Português, visando melhorar a leitura e escrita, de edições de vídeos, entre outros assuntos muito importantes. Cito duas plataformas que dão cursos aos surdos, sempre em Libras, respeitando a primeira língua dos sujeitos surdos: a Signa e a Surdo para Surdo<sup>24</sup>. Ambas as plataformas de ensino em Libras *online* foram criadas por Codas. As criadoras relataram, nas redes sociais, que criaram as plataformas com o intuito de oferecer cursos diversos aos surdos. Por exemplo: na Signa, existe curso de Excel, ministrado por professores surdos. Excel não é algo que tem a ver com a Libras, mas é uma ferramenta que o surdo não teve oportunidade de aprender nos cursos que não possuíam a Língua de Sinais. A Signa, portanto, abre essa oportunidade. Em um trecho retirado do *site* da Signa, podemos ler:

---

<sup>24</sup> Disponível em: <https://www.signaedu.com> e <https://surdoparasurdo.com.br/>. Acesso em: 10 fev. 2021.

A Signa nasceu em janeiro de 2016, para resolver a falta de oportunidade dos 9,7 milhões de surdos brasileiros em se capacitar e fazer cursos com qualidade, a partir da sua cultura e língua: a Língua Brasileira de Sinais (Libras). Nós temos um compromisso forte com a educação. Com uma plataforma *online* adaptada e cursos produzidos didaticamente em Libras e com legendas, a Signa capacita e prepara, atualmente, surdos para o mercado de trabalho, oferecendo para eles a oportunidade de aprender o conteúdo que tem interesse. Os cursos são produzidos pela própria comunidade surda, pessoas com fluência em Libras, que possuem um conhecimento e que tem o desejo de compartilhar com outros surdos. (SIGNA, 2019, s./p.)

A plataforma de Surdo para Surdo tem uma tutora surda que ajuda as mães surdas no acesso a informações sobre maternidade, amamentação e parto, assuntos que as surdas não conseguem obter com médicos, por falta de acessibilidade. Essas plataformas são de grande valia aos surdos, por terem Libras como principal meio de comunicação. Isso não é só pela língua, mas sim pela aventura, pelo lazer e pelo prazer de conhecer coisas novas, de forma linguisticamente confortável. O canal de YouTube intitulado Iflocos, do surdo Gabriel Isacc, tem vídeos sobre vários temas. O vídeo mais visualizado foi produzido no Dia dos Surdos do ano de 2018, mostrando a vivência surda de uma forma mais aberta e contemporânea, sem aquela ênfase no sofrimento, na proibição da Língua de Sinais, etc. A visibilidade do vídeo trouxe grande empoderamento aos surdos: o Gabriel fez uma bela edição, com a participação de vários surdos, cada um com seu estilo de vida. O resultado foi um vídeo bastante marcante e intenso.

Nesse contexto, faço inferência ao quanto esses conteúdos dos canais dos *youtubers* se constituem em formas de empoderamento surdo. É visível o quanto as pautas dos movimentos surdos são fortalecidas nesse vínculo com outros movimentos sociais, na busca por melhores condições de vida dos grupos minoritários. Para Fleuri (2002, p. 412):

os movimentos sociais têm sido um campo-chave para as pesquisas que viemos desenvolvendo, justamente porque, neles, buscamos estudar as estratégias de representações e de aquisição de poder (*empowerment*) que viemos elaborando.

Figura 15 – Fotos do vídeo do Canal Iflocos, do surdo Gabriel Isacc



Fonte: Canal Iflocos (2020).

Então, os vídeos e cursos *online* em Libras são recursos importantes no aprendizado, por serem conteúdos acessíveis, que geram conhecimentos:

Muitas soluções relacionadas a interações sociais foram concebidas ao longo dos anos por surdos, para garantir um convívio mais eficiente entre eles e a sociedade como um todo. Isso inclui o compartilhamento de informações. Características de compartilhamento de informações exclusivas da cultura surda incluem manter os outros informados sobre seu destino e mandar notícias. (HOLCOMB, 2011, p. 144)

As interações sociais dos surdos com seus pares garantem um convívio eficiente, pois esses indivíduos compreendem-se na mesma língua. Vale lembrar que estamos em meio a uma pandemia mundial. Nesse contexto, estão acontecendo muitas *lives*, eventos e encontros *online*. São muitas produções novas durante a pandemia, uma renovação por conta da necessidade. Necessidade porque muitos surdos estão em casa, em isolamento social, e a tecnologia é um suporte importante para mantê-los informados. Recentemente, o *youtuber* bilíngue Roberto Castejon produziu um vídeo muito esclarecedor sobre a COVID-19. O vídeo foi postado no dia 24 de julho de 2020, em seu canal de YouTube. O vídeo teve mais de nove mil visualizações.



Figura 16 – Roberto Castejon informando sobre a COVID-19 para surdos no seu canal



Fonte: Canal Beto Castejon (2020).

O vídeo de Roberto Castejon, ao informar os surdos sobre o vírus mortal, comprova o que Holcomb esclareceu.

## 5.2 CONTEÚDOS DOS CANAIS DOS *YOUTUBERS* COMO ARTEFATOS PEDAGÓGICOS NO CONTEXTO DA ESCOLA DE SURDOS

Nesta sessão, me dedico a pensar sobre os efeitos dos conteúdos dos canais dos *youtubers* como artefatos pedagógicos nos processos de aprendizagem de alunos surdos, no contexto da escola de surdos. Hoje, na contemporaneidade, a tecnologia está muito presente na vida de cada um, inclusive na educação. Os vídeos dos *youtubers* bilíngues são ferramentas pedagógicas para os professores, tanto para o ensino de conteúdo e quanto para o desenvolvimento de uma Pedagogia da cultura surda, com suas experiências visuais. De acordo com os autores surdos Perlin e Miranda (2003, p. 218), a “experiência visual significa usar a visão [...] como vínculo de comunicação”.

Começando pelo depoimento do Alun@ 1, que narra que os *youtubers* transmitem aos alunos surdos um entendimento maior porque sinalizam como os alunos surdos, se identificando com seus pares:

**Alun@ 1:** *Sobre os youtubers para escola, eu acho muito bom, porque os surdos entendem bem o que os vídeos sinalizam para nós e nos ensinam, com histórias para conhecer. Os professores da escola eu não interesso muito, porque a Língua de Sinais deles é fraca. Por isso, entendemos mais os youtubers.*

Para os professores ouvintes trabalharem com alunos surdos, é preciso compreender a Libras, entender os sujeitos surdos, conhecer a cultura surda e participar da comunidade surda. Isso porque esses sujeitos são seres diferentes, como afirma Reis (2015, s./p.):

São dois seres: professor ouvinte e aluno surdo, que habitam o mesmo espaço. Porém, cada um com uma língua diferente. Isso é bastante complexo, tendo em vista que o fator comunicação é relevante no processo ensino-aprendizagem e a dificuldade ocorre pelo fato dos professores ouvintes não saberem se comunicar com seus alunos surdos.

Não basta só saber Libras para lecionar aos alunos surdos nas escolas. O surdo vive em um mundo completamente diferente do universo de ouvintes. Por isso, é preciso mergulhar no mundo surdo para fazer trabalhos eficientes e com bons resultados. Os surdos vivem em um mundo da visualidade, ou seja, das experiências visuais.

Educar significa introduzir a cunha da diferença em um mundo que, sem ela, se limitaria a reproduzir o mesmo e o idêntico, um mundo parado, um mundo morto. É nessa possibilidade de abertura para um outro mundo que podemos pensar na Pedagogia da Diferença. (SILVA, 2006, p. 101)

Em respeito à visualidade das pessoas surdas, é possível pensar em uma Pedagogia da Diferença, conforme Silva (2006). Nessa proposta pedagógica, é possível compreender as diferenças dos sujeitos surdos na visualidade. Com isso, talvez seja importante relacionar as questões da Pedagogia da Diferença com a Pedagogia Visual. Para Campello (2008, p. 34), “a Pedagogia Visual [...] não pode ser deixada e ignorada, já que o valor da Língua de Sinais vai ganhando, gradativamente, o seu espaço visual”.

Outra narrativa que considero importante destacar, nesse contexto, é a do Alun@ 2, sobre expandir a comunidade surda para ouvintes que não conhecem a comunidade surda. O vídeo dos irmãos surdos do canal Visurdo certamente ensina muito ao público em geral. Os irmãos informam sobre a vida das pessoas surdas, mostrando a realidade.

**Alun@ 2:** *Os vídeos que assisto mais são dos irmãos Tainá e Andrei e o canal do Roberto Castejon. Tainá e Andrei, eles dão muitas dicas sobre a comunidade surda. Porque muitos ouvintes acham que os surdos não são capazes, porque não ouvem. [Os irmãos] mostram que surdos podem escrever e ler, entre outras coisas, [e falam] sobre o preconceito contra pessoas com deficiências. Eu aproveito para mandar os vídeos para ouvintes e [eles] começam a entender os surdos. Também eu fico muito curiosa sobre as histórias informadas por Roberto Castejon, que passa nos vídeos, entendo com muita clareza.*

Figura 17 – Irmãos Surdos dando dicas aos ouvintes para aprenderem Libras



Fonte: Canal Visurdo (2020).

O Alun@ 2 acaba ensinando aos ouvintes através dos vídeos de Andrei e Tainá, ambos do canal Visurdo. Além disso, ele fica muito curioso com os ensinamentos do Roberto Castejon, do canal Beto Castejon. Segue outro recorte do Alun@ 2.

**Alun@ 2:** *Porque nos outros lugares já me falaram sobre as histórias e não fiquei interessada porque não entendi. Então, o Roberto fez em Libras e entendi tudo. Eu nunca tinha visto sobre a história de ET nos EUA (Roberto Castejon) e as 10 Leis Bizarrias do Mundo (Roberto Castejon com Gabriel Isaac). Muito interessante as histórias e nunca esqueci que eu fiquei tão curiosa! Fico horas assistindo as histórias, vale a pena! O YouTube me ajuda muito a entender, é leve, doce e claro em Libras.*

O canal do Roberto Castejon está recheado com vários vídeos interessantes. Os trabalhos dele são parecidos com a revista *Super Interessante*, pois abordam temas bem raros e curiosos. O *youtuber* Roberto Castejon desperta a curiosidade das pessoas surdas sobre histórias, descobertas e informações. Reforça o Alun@3:

**Alun@ 3:** *Eu gosto muito dos temas polêmicos e histórias que o Roberto Castejon faz e as temáticas de LGBT do Leonardo Viturinno. Eles passam muitas informações importantes à sociedade. Os vídeos me ajudam muito e são novos conhecimentos para mim, porque, às vezes, eu não sabia dos acontecimentos. Acho muito legal conhecer as novidades, isso ajuda. Sobre a escola, alguns vídeos ajudam a escola. Também a escola ajuda os alunos surdos a fazerem vídeos para divulgar. Eu acho muito importante ter o YouTube em Libras, porque a maioria dos canais são do mundo dos ouvintes e são bem poucos para surdos. Os surdos não acessam os vídeos dos ouvintes porque não tem legenda, isso é uma barreira de acessibilidade. Por isso, o *youtuber* bilíngue faz em Libras e estimula bastante. Acho muito legal ter isso e poder compartilhar com outros surdos. São inspirações aos surdos.*

Figura 18 – Roberto Castejon com Gabriel Isacc, em 10 Leis Bizarras do mundo



Fonte: Canal Roberto Castejon (2020).

Figura 19 – Leandro Viturino, no seu canal sobre os sinais da área de LGBT



Fonte: Canal Léo Viturino (2020).

Com relação aos professores, os canais dos *youtubers* bilíngues os ajudam a complementar seus conteúdos nas aulas. Por exemplo, a professor@ 1 trabalhou com os alunos sobre depressão depois de os estudantes assistirem ao vídeo da Tainá, do Visurdo. Foi um momento em que a professor@ 1 percebeu que o tema é um tabu, um preconceito, e resolveu abordar a temática com os alunos.

**Professor@ 2:** *Sobre a relação de YouTube e escola, na minha opinião, já vi muitos alunos pesquisarem os vídeos de YouTube sobre os conteúdos, e também eles me deram dicas sobre os vídeos de YouTube. Eu procuro os vídeos atendendo os pedidos dos alunos e ajudo a explicar alguns temas para eles, eu acho interessante.*

Pelos relatos dos entrevistados, os alunos surdos solicitam aos professores um trabalho maior com os conteúdos que eles viram nos canais dos *youtubers* bilíngues. A professor@ Ouvinte 1 estuda os vídeos que os alunos pediram e faz trabalhos com os alunos acerca das temáticas dos vídeos, um trabalho mais profundo.

**Professor@ Ouvinte 1:** *Agora, sobre a escola, eu acho muito interessante os alunos acompanharem os vídeos de YouTube, os assuntos das disciplinas próprias. Por exemplo: se na aula de Ciência, eu procuro como explicar o Coronavírus e também discutir sobre sinais quem não tem dessa área. Eu acho muito interessante para a Escola Helen Keller, o ensino médio, a criação do canal no YouTube. E divulgar, é ótimo!*

Professor@ Ouvinte 1 relata que é muito importante os alunos criarem vídeos com os conteúdos que aprenderam na sala de aula e depois discutir com os colegas os sinais que não conhecem, buscar os sinais e trazer os sinais à sala de aula. Sacristan (2000 apud QUADROS, 2008, p. 40) reforça esse posicionamento, com uma reflexão sobre a importância da reelaboração do currículo: “não tem sentido renovações de conteúdos sem mudança de procedimentos, e tampouco uma fixação em processos educativos sem conteúdos de cultura”.

Assim, nas falas dos entrevistados, os vídeos dos *youtubers* bilíngues são importantes às aulas. A utilização de vídeos no processo pedagógico, ou seja, na vida escolar dos alunos, oferece benefícios aos próprios alunos e também aos professores. A articulação desses materiais pelos professores, na escola, como artefatos pedagógicos assume a importância de estimular os alunos surdos por meio de materiais visuais que provocam um aprendizado mais qualificado. É positivo poder ver os professores abertos a novas possibilidades de ensino, incluindo nas suas práticas pedagógicas os materiais dos canais dos *youtubers* bilíngues.

A preocupação dos professores em se manterem atualizados permite uma prática pedagógica mais qualificada, produzindo efeitos no processo de aprendizagem dos alunos surdos e fortalecendo, assim, os laços afetivos e educacionais entre professores e estudantes. Vale reforçar que os conteúdos dos canais não substituem a relação pedagógica que acontece no cotidiano da sala de aula entre discente e docente. Entretanto, os vídeos podem ser ótimos artefatos pedagógicos no processo de aprendizagem de alunos surdos.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O YouTube também pode ser tomado como espaço de interlocução, que é entendido como lugar privilegiado para a produção de linguagem e de constituição de sujeitos. Foi possível concluir, também, que, por meio do YouTube, os surdos conseguiram estabelecer motivos para uma valorização do “ser surdo”, o que representa possibilidade de construção de um novo olhar sobre a surdez e a Língua de Sinais. (FESTA; GUARINELLO; BERBERIAN, 2013, p. 14)

Encerrar esse trabalho com a citação acima mostra o quanto a problemática central que norteou esse estudo – *compreender de que forma os materiais elaborados por youtubers bilíngues vem produzindo outras formas de circulação e consumo cultural na escola de surdos* – permitiu entender determinados endereçamentos culturais que vêm construindo modos de vida surda na escola contemporânea. Os alunos que foram entrevistados sentiram-se valorizados com os vídeos dos *youtubers* bilíngues, pois o principal fator dos vídeos é a Libras. As narrativas das professoras, que compuseram a materialidade dessa pesquisa, mostraram que as produções dos *youtubers* são fundamentais para suas aulas, por serem materiais que negociam com a interculturalidade.

Os alunos relatam que aprendem mais com os vídeos; não só o assunto do vídeo é interessante, mas também o que está incluído no material: a cultura, o ambiente e os sinais. Vale reforçar que, na Libras, também temos as variações linguísticas: assim como ocorre com as línguas orais, existem sinais que os gaúchos usam e são diferentes de outros estados brasileiros. Em 2018, o vídeo do Dia dos Surdos, produzido por Gabriel Issac, teve forte repercussão nas redes sociais. Gabriel elaborou o vídeo durante o Encontro Anual do Dia dos Surdos, que acontece na tão célebre Avenida Paulista, em São Paulo. Nesse material, ele pede que cada sujeito surdo expresse algumas palavras. Foram vários surdos, de diversos estados do Brasil, com estilos diferentes de vida surda e sinais distintos.

Trago o exemplo desse material produzido pelo Gabriel a fim de acentuar uma necessidade de negociação com a interculturalidade, pois cada sujeito que se apresentou mostrou o seu estilo de vestir, de sinalizar, de expressar, de formar as frases em Libras. Quem assiste o vídeo percebe várias culturas diferentes sendo apresentadas por meio de múltiplas marcas identitárias: surda idosa com celular, crianças surdas, surdo *gay*, surda lésbica, surdo negro, surdo poeta, entra tantas outras possibilidades de existência.

Considerando a escola como um lugar de comunicação, de negociação, de encontros e convivências culturais, compartilho a experiência pedagógica realizada, em 2018, na Escola Helen Keller, lócus dessa pesquisa. Os alunos do Ensino Médio fizeram uma feira científica:

foi a primeira edição do evento na escola. Os alunos tiveram dois meses para pesquisar e produzir trabalhos sobre sexualidade e outros temas relacionados a essa questão. No dia da apresentação, a plateia lotou a sala de Educação Física: os alunos fizeram sucesso com os trabalhos. Um grupo abordou as orientações sexuais e o respeito; outro grupo tratou das doenças transmissíveis sexualmente; um terceiro grupo falou sobre o empoderamento das mulheres; o quarto grupo explorou a temática da gravidez, dos cuidados nessa fase e do feminismo; e um último grupo falou sobre o *bullying* nas redes sociais. Foi uma feira muito rica de informações. Os pais que estiveram no evento ficaram espantados com os trabalhos dos filhos e confessaram que não conseguem se comunicar bem com eles em casa.

A maioria dos surdos tem pais não surdos, e a maioria destes não sinaliza. Por conseguinte, muitos surdos não recebem acesso à língua visual durante o crescimento, dificultando o acesso à informação em casa. A situação, geralmente, não é melhor na escola, onde as políticas educacional e comunicativa costumam ser ditadas por educadores não surdos, com pouca ou nenhuma contribuição dos membros experientes da comunidade surda. Em muitas dessas escolas, a Língua de Sinais não é adotada, resultando em um ambiente difícil de aprendizagem para as crianças surdas. Esses ambientes comunicativos restritos, em casa e na escola, levaram a enormes lacunas na base de conhecimento geral dos surdos. Em vez de ficarem impotentes por essas lacunas, os surdos tiveram habilidade para obter informações e conhecimentos necessários para funcionar no mundo. (HOLCOMB, 2011, p. 140)

Um dos estudantes fez um vídeo bastante interessante, com muitas informações: uma produção visual que conheceram através dos *youtubers*. É mais que notável que os alunos aprendem com as produções dos conteúdos dos canais dos *youtubers* bilíngues. O Brasil é enorme, e os cinco canais pesquisados estão espalhados pelo território nacional. Há uma rica troca de culturas, uma interculturalidade, nesses materiais. De fato, não existe uma única cultura: tudo depende do momento em que nos encontramos, como reforça Bauman (2010) ao dizer que existem muitas culturas em um mesmo ambiente. Por isso, as pessoas surdas se conectam a infinitas possibilidades interculturais.

Através dos vídeos, os alunos surdos notam as diferenças de vivências dos *youtubers* bilíngues, experiências distintas de viver sua condição surda. Esse reconhecimento permite que os estudantes relacionem as vivências dos *youtubers* à interculturalidade. Leandro Viturino é baiano e faz vídeos de diversidade de forma bem ampla; uma cultura entre outras culturas, uma negociação com a interculturalidade. Nessa direção, me alio à Menezes (2008, p. 223), quando este indaga: “É possível pensarmos em uma Educação intercultural que não se constrói como a defesa de uma cultura, mas como abertura ao encontro, que nos exige sempre sairmos de nosso lugar, nos deslocarmos para um lugar a ser inventado?”.

É importante lembrar que, nos tempos atuais, durante a pandemia da COVID-19, estão rodando milhares de vídeos dos sujeitos surdos pelo mundo. Como é uma epidemia mundial, os surdos estrangeiros produzem e compartilham as suas experiências com surdos de outros países. Isso colabora com uma compreensão maior e mais eficiente sobre a pandemia, em função da difusão das Línguas de Sinais. Vale reforçar que a Libras não é uma língua universal: Cada país tem a sua Língua de Sinais, assim como as línguas faladas. Os *youtubers* bilíngues entrevistados para essa dissertação fizeram muitos vídeos novos. Andrei e Tainá fizeram um vídeo sobre a COVID-19, explicando todos os sintomas e como buscar ajuda; eles mesmos reforçam a importância dos cuidados. Sabemos que, hoje, existem muitas notícias chamadas *fake news*, as quais criam confusão sobre as informações que circulam. Nesse contexto, muitos surdos se perdem. Mas, felizmente, os vídeos dos *youtubers* bilíngues colaboram para que os surdos se mantenham informados, por conta da facilitação com o uso da Libras e legendas.

Enfim, escrever foi um trabalho árduo e adorável: pude amadurecer no exercício de produzir um trabalho acadêmico, além de entender melhor a interculturalidade. Como eu sou da área de Artes, foi instigante escrever sobre as produções dos vídeos, apesar dos desafios. Eu aprendi Libras aos 15 anos; ainda aprendo muito, conforme conheço os surdos que tem Libras como primeira língua e puderam acessá-la na escola de surdos, junto com seus pares surdos, desde criança. Quanto mais vejo surdos como alunos de escolas de surdos, mais me sinto feliz com essa grande oportunidade que eles possuem.

Encerro essa escrita ressaltando que “participar de uma cultura é, portanto, criar e recriar constantemente uma cultura” (MENEZES, 2008, p. 224). Fica o convite para que todos e todas, surdos e ouvintes, que tive a oportunidade de encontrar nessa pesquisa se desafiem a produzir outros endereçamentos culturais, mais híbridos e mais interculturais, no contexto da escola contemporânea.



## REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Aprendendo a pensar com a sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- BATAGLIN, Mayara. Experiência visual e arte. Elementos constituidores de subjetividades surdas. *In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL*, 9., 2012. **Anais [...]**. Caxias do Sul: ANPEDsul, 2012. p. 1-18.
- BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Brasília: Presidência da República, 2005. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato20042006/2005/decreto/d5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20042006/2005/decreto/d5626.htm). Acesso em: 5 fev. 2021.
- BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Brasília: Presidência da República, 2002. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/110436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm). Acesso em: 5 fev. 2021.
- BRASIL. **Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014**. Brasília: Presidência da República, 2014. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2014/lei/113005.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/113005.htm). Acesso em: 5 fev. 2021.
- CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Edusp, 1998.
- CAMPELLO, Ana Regina de Souza. **Aspectos da visualidade na educação de surdos**. Tese (Doutorado de Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.
- CLARET, Martinha. Em defesa da escola bilíngue para surdos: a história de lutas. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 2, ed. esp., p. 71-92, 2011.
- COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. Estudos Culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 36-61, 2003.
- DALL'ALBA, Carilissa. **Movimento e Educação: Uma negociação de Cultura Surda**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2013.
- DORES, Clarissa Fernandes. **A Escolarização de surdos e o Congresso de Milão: Ecloração da normalização para oralidade**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2017.
- FEDERAÇÃO NACIONAL DE EDUCAÇÃO E INTEGRAÇÃO DOS SURDOS (FENEIS). **A educação que nós, surdos, queremos**. Porto Alegre: FENEIS, 1999. Disponível em: [https://issuu.com/feneisbr/docs/documento\\_a\\_educacao\\_que\\_nos\\_surdos](https://issuu.com/feneisbr/docs/documento_a_educacao_que_nos_surdos). Acesso em: 5 fev. 2021.

FESTA, Priscila S. V.; GUARINELLO, Ana Cristina; BERBERIAN, Ana Paula. YouTube e surdez: análise de discursos de surdos no ambiente virtual. **Revista Distúrbio Comum**, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 5-14, abr. 2013.

FLEURI, Reinaldo Matias. Educação Intercultural: a construção da identidade e da diferença nos movimentos sociais. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 22, n. 2, p. 405-423, jul./dez. 2002.

FLEURI, Reinaldo Matias. **Educação intercultural e movimentos sociais**: trajetória de pesquisas de Rede Mover. João Pessoa: Ed. CCTA, 2017.

GOMES, Anie Pereira Goularte. **O Imperativo da cultura surda no plano conceitual**: emergência, preservação e estratégias nos enunciados discursos. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2011.

HALL, Start. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

HOLCOMB, Thomas K. Compartilhamento de informações: um valor cultural universal dos surdos. *In*: KARNOPP, Lodenir Becker; KLEIN, Madalena; LUNARDI-LAZZARIN, Márcia Lise (org). **Cultura Surda na contemporaneidade**: negociações, intercorrências e provocações. Canoas: Ed. ULBRA, 2011. p. 139-149.

LADD, Paddy. **Em busca da surdidade**: 1. Colonização dos Surdos. Lisboa/Portugal: Europress, 2013.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

LOPES, Maura Corcini. **Surdez & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MARQUES, Rodrigo Rosso. **A experiência de ser surdo**: uma descrição fenomenológica. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

MENEZES, Magali M. de. Em tempos pós-modernos: a educação como lugar de (des)encontros. *In*: FORNET-BETANCOURT, Raúl (org.). **Menschenbilder interkulturell: Kulturen der Humanisierung und der Anerkennung** - Concordia Reihe Monographien. Aachen: M Verlag Mainz, Wissenschaftsverlang, 2008. p. 223-230.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). **Política Nacional de Educação Especial**: Equitativa, Inclusiva e com Aprendizado ao Longo da Vida. Brasília: Secretaria de Modalidades Especializadas de Educação, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/mec-lanca-documento-sobre-implementacao-da-pnee-1/pnee-2020.pdf>. Acesso em: 5 fev. 2021.

MOURA, Jónata Ferreira. NACARATO, Adair Menedes. A Entrevista Narrativa: dispositivo de produção e análise de dados sobre trajetórias de professoras. **Cadernos de Pesquisa**, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, v. 23, n. 2, p. 15-30, jan./mar. 2017.

MOTTA, Seibert Bruna; BITTENCOURT, Maíra; VIANA, Pablo Moreno Fernandes. A influência de *youtubers* no processo de decisão dos espectadores: uma análise no segmento de beleza, games e ideologia. **E-compós: Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, Brasília, v. 17, n. 3, p. 1-25, set./dez. 2014.

NAKAGAWA, Hugo Eiji Ibanhes. **Culturais surdas: o que vê, o que ouve**. Dissertação (Mestrado em Cultura e Comunicação) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2012.

NEVES, Gabriele Vieira. **Educação de Surdos em Caxias do Sul de 1960 a 2010: Uma História escrita por várias mãos**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2011.

PADDEN, Carol; HUMPRIES, Tom. **Deaf in America: voices from a culture**. Cambridge: Harvard University, 1996.

PERLIN, Gládis T.T. Identidades Surdas. *In*: SKLIAR, Carlos. **A Surdez: Olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998. p. 51-73.

PERLIN, Gládis Teresinha Taschetto; MIRANDA, Wilson. Surdos: o narrar e a política. **Ponto de Vista**, Florianópolis, n. 5, p. 217-226, 2003.

PINHEIRO, Daiane. Produções Surdas no YouTube: consumindo a Cultura. *In*: KARNOPP, Lodenir Becker; KLEIN, Madalena; LUNARDI-LAZZARIN, Márcia Lise (org.). **Cultura Surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações**. Canoas: Ed. ULBRA, 2011. p. 29-40.

PINHEIRO, Daiane. **YouTube como Pedagogia Cultural: Espaço de Produção, Circulação ne consumo de Cultura Surda**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2012.

QUADROS, Ronice Müller de (org.). **Estudos surdos III**; Petrópolis: Arara Azul, 2008.

QUADROS, Ronice Müller; SCHMIEDT, Magali L. P. **Ideias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília: MEC, 2006.

REIS, Dulciene Saraiva. **Professores de alunos surdos: da formação inicial à sala de aula**. 2015. <http://www.porsinal.pt/index.php?ps=artigos&idt=artc&cat=7&idart=419>. Acesso em: 2 nov. 2020.

REZENDE, Patrícia Luiza Ferreira. **Implante Coclear na constituição dos sujeitos surdos**. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

ROMANI, Simone; RAJOBAC, Raimundo. Porque debater sobre interculturalidade é importante para a Educação? **Espaço Acadêmico**, v. 11, n. 127, p. 65-70, dez. 2011.

SCHALLENBERGER, Augusto. **Ciberhumor nas Comunidades Surdas**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

SIGNA. Disponível em: <https://www.signaedu.com>. Acesso em: 10 fev. 2021.

SILVA, Gilberto Ferreira. Cultura(s), currículo, diversidade: por uma proposição intercultural. **Contrapontos**, v. 6, n. 1, p. 137-148, jan./abr. 2006.

SILVA, Sérgio Luiz Pereira da. **Sociedade da diferença**: formações identitárias, esfera pública e democracia na sociedade global. Rio de Janeiro: Mauad X; FAPERJ, 2009.

STOKOE, William. **Sign Language structure**. Maryland: Linstok Press, 1960.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2008.

SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL (STF). **Suspensa eficácia de decreto que instituiu a política nacional de educação especial**. Brasília: STF, 2020. Disponível em: <http://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=456419&ori=1#:~:text=Suspensa%20efic%C3%A1cia%20de%20decreto%20que%20instituiu%20a%20pol%C3%ADtica%20nacional%20de%20educa%C3%A7%C3%A3o%20especial&text=O%20ministro%20Dias%20Toffoli%2C%20do,Aprendizado%20ao%20Longo%20da%20Vida>. Acesso em: 5 fev. 2021.

VEIGA-NETO, Alfredo. Cultura, culturas e educação. **Revista Brasileira de Educação**, n. 23, p. 5-15, maio/ago. 2003.

WIKIPÉDIA. **YouTuber**. Disponível em: <pt.wikipedia.org/wiki/YouTuber>. Acesso em: 5 abr. 2020.

WILCOX, Sherman; WILCOX, Phyllis Perrin. **Aprender a ver**: o ensino da língua de sinais americana como segunda língua. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2005.

## ANEXO A – CARTA DE APRESENTAÇÃO DE PESQUISA E SOLICITAÇÃO DE COLABORAÇÃO



Ministério da Educação  
Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Educação  
Programa de Pós-Graduação em Educação

### CARTA DE APRESENTAÇÃO DE PESQUISA E SOLICITAÇÃO DE COLABORAÇÃO

**Título do projeto:** YouTubers bilíngues: artefatos interculturais no cenário escolar da educação de surdos.

**Pesquisadores envolvidos:**

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Lise Lunardi-Lazzarin  
Mestranda: Helenne Schroeder Sanderson

**Instituição/Departamento:**

Universidade Federal de Santa Maria  
Programa de Pós-Graduação em Educação

**Contatos:**

Telefone: 54-99954700 (Helenne Schroeder Sanderson)  
E-mail: helenne.sanderson@gmail.com

Através da presente carta, solicitamos a colaboração da Escola Especial Estadual de Ensino Médio Helen Keller para a realização da pesquisa que será aqui apresentada. A pesquisa é compreender de que forma os materiais produzidos por *youtubers* bilíngues vem produzindo outras formas de circulação e consumo cultural na escola de surdos. As questões são: (1) identificar que conteúdos culturais em Libras são produzidos nos canais dos YouTubers; (2) compreender como os alunos surdos vem consumindo as produções dos *youtubers* na escola. Ao problematizar os modos de vida contemporâneo das pessoas surdas, encontro possibilidades de pensar a escola de surdos como um dos lócus para transformação, negociação e produção de outras formas de existência surda, a partir das relações interculturais. As narrativas fazem parte do intuito da compreensão e elaboração do campo de análise e têm uma relação forte com desenvolvimento com a interculturalidade. Os materiais produzidos por essas narrativas foram essenciais para entender como os alunos surdos e professores surdos e ouvintes consomem as produções dos *youtubers* bilíngues nas suas aulas e identificar os conteúdos que são produzidos pelos *youtubers* bilíngues.

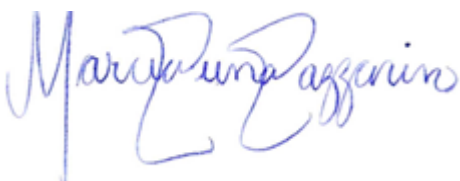
No âmbito da Escola Especial Estadual de Ensino Médio Helen Keller, solicitamos colaboração nos seguintes itens:

- **Permissão da instituição para a realização da pesquisa (assinatura do termo de autorização institucional);**
- **Entrevistar alunos surdos;**
- **Entrevistar professores surdos e ouvintes:**
- **Consentimento para participação de entrevista dos alunos e professores.**

Esclarecida as intenções desse estudo, necessitamos do preenchimento do Termo de Autorização Institucional que acompanha esta carta. De pronto firmamos o compromisso de manter total sigilo dos dados obtidos através da escola, resguardando as identidades dos participantes e tratando as informações obtidas com zelo e cuidados éticos.

Nos colocamos à disposição para quaisquer esclarecimentos necessários.

Atenciosamente,



Márcia Lise Lunardi-Lazzarin  
Professora orientadora

Helenne Schroeder Sanderson  
Mestranda

**ANEXO B – AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL**

Ministério da Educação  
Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Educação  
Programa de Pós-Graduação em Educação

**AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL**

Eu, **Silvana Regina Vencato Pinto**, diretora da Escola Estadual Especial de Ensino Médio de Helen Keller, abaixo assinado, autorizo a realização do estudo "*Youtubers bilíngua: artefatos interculturais no cenário escolar da educação de surdos*." a ser conduzido pelas pesquisadoras Helenne Schroeder Sandersen e Márcia Lise Lunard-Lazzarin.

Fui informada, pelo responsável do estudo, sobre as características e objetivos da pesquisa, bem como das atividades que serão realizadas na instituição a qual represento.

Esta instituição está ciente de suas responsabilidades como instituição co-participante do presente projeto de pesquisa e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infra-estrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

Caxias do Sul, novembro de 2020.

Assinatura e carimbo do responsável institucional

Silvana Vencato Pinto  
Diretora  
Mat. 2242730-04

## ANEXO C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**Título do estudo:** YOUTUBERS BILÍNGUES: ARTEFATOS INTERCULTURAIS NO CENÁRIO ESCOLAR DA EDUCAÇÃO DE SURDOS

**Pesquisadores responsáveis:** Márcia Lise Lunardi-Lazzarin (Professora orientadora/responsável); Helenne Schroeder Sanderson (Mestranda)

**Instituição/Departamento:** Universidade Federal de Santa Maria/Programa de Pós-Graduação em Educação/Departamento de Educação Especial

**Telefone e endereço postal completo:** (55) 99959 6882. Avenida Roraima, 1000, prédio 16, sala 3150A, 97105-970 - Santa Maria - RS.

**Local da coleta de dados:** As entrevistas serão feitas nos locais determinados por cada entrevistado.

Eu Márcia Lise Lunardi-Lazzarin, Professora orientadora e Helenne Schroeder Sanderson, estudante do Curso de Mestrado em Educação no Programa de Pós Graduação em Educação - PPGE/UFSM, responsáveis pela pesquisa intitulada **YOUTUBERS BILÍNGUES: ARTEFATOS INTERCULTURAIS NO CENÁRIO ESCOLAR DA EDUCAÇÃO DE SURDOS** o convidamos a participar como voluntário deste nosso estudo. Leia cuidadosamente o que se segue e esclareça qualquer dúvida que você tiver. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra ficará sob nossa responsabilidade. Em caso de recusa você não será penalizado (a) de forma alguma. O problema da pesquisa é compreender de que forma os materiais produzidos por *youtubers* bilíngues vem produzindo outras formas de circulação e consumo cultural na escola de surdos. As questões são: (1) identificar que conteúdos culturais em Libras são produzidos nos canais dos *youtubers*; (2) compreender como os alunos surdos vem consumindo as produções dos *youtubers* na escola.

Ao problematizar os modos de vida contemporâneo das pessoas surdas, encontro possibilidades de pensar a escola de surdos como um dos lócus para transformação, negociação e produção de outras formas de existência surda, a partir das relações interculturais. As narrativas fazem parte do intuito da compreensão e elaboração do campo de análise e têm uma relação forte com desenvolvimento com a interculturalidade. Os materiais produzidos por essas narrativas foram essenciais para entender como os alunos surdos e professores surdos e ouvintes consomem as produções dos *youtubers* bilíngues nas suas aulas e identificar os conteúdos que são produzidos pelos *youtubers* bilíngues.

Sua participação na pesquisa constará das seguintes atividades: participação de uma conversa (diálogo) em que contará sobre sua experiência na vida escolar com canais dos *youtubers* bilíngues. Estes momentos serão agendados individualmente conforme a sua disponibilidade de horário e local. Na oportunidade, a conversa será gravada e posteriormente transcrita. Cabe destacar que a conversa bem como a dinâmica da escrita da carta demandarão um retorno à memórias de vivências passadas ou situações presentes que podem gerar desconfortos ou emergir riscos emocionais ao narrar sobre esses eventos. Caso sinta emoções relacionadas a tristezas ou angústias ao lembrar de episódios passados ou vividos no presente, podemos interromper a entrevista e conversar sobre outros temas, tentarei ser agradável mudando de temática. Também pode acontecer de você sentir cansaço. Diante dessa situação, poderemos transferir a entrevista para outro momento conforme lhe convier ou encerrá-la definitivamente.

Os benefícios que esperamos com o estudo são de contribuir para a área da educação de surdos ao possibilitar conhecer melhor os processos de escolarização dos surdos incluídos por meio de suas experiências com o aprender na escola regular. Durante todo o período da pesquisa você terá a possibilidade de tirar qualquer dúvida ou pedir qualquer outro esclarecimento. Para isso, entre em contato com algum dos pesquisadores ou com o Conselho de Ética em Pesquisa. Em caso de algum problema relacionado com a pesquisa, você terá direito à assistência gratuita que será prestada através de contato com as pesquisadoras envolvidas que podem ser contatadas através do telefone ou e-mail descritos no cabeçalho deste termo. Você tem garantido a possibilidade de não aceitar participar ou de retirar sua permissão a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo ou dano moral pela sua decisão. As informações desta pesquisa serão confidenciais e poderão divulgadas, apenas, em eventos ou publicações, sem a identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação. Não há gastos necessários para a sua participação na pesquisa. Fica, também,



garantida indenização em casos de danos comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa.

**Autorização**

Eu, \_\_\_\_\_, após a leitura ou a escuta da leitura deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, estou suficientemente informado, ficando claro para que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade, bem como de esclarecimentos sempre que desejar. Diante do exposto e de espontânea vontade, expresso minha concordância em participar deste estudo.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2020.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do voluntário

\_\_\_\_\_  
Helenne Schroeder Sanderson (Mestranda, responsável pela obtenção do TCLE)



\_\_\_\_\_  
Profª. Dra. Márcia Lise Lunardi-Lazzarin (Orientadora)